

O CONTRATO LÚDICO NA PRÁTICA DE FUTEBOL LAZER: ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

por

José Geraldo do Carmo Salles

**Dissertação Apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação Física da
Universidade Gama Filho
como Requisito Parcial à Obtenção do
Título de Mestre em Educação Física**

Agosto, 1998

O CONTRATO LÚDICO NA PRÁTICA DE FUTEBOL LAZER - ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

José Geraldo do Carmo Salles

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Vera Lúcia de Menezes Costa
(Orientadora)

Prof. Dr. Roberto Ferreira dos Santos

Prof. Dr. Antônio Jorge Soares

Agosto, 1998

Dedicação:

A meu mestre e amigo,
Prof. **George Lodder Lisboa**

Agradecimentos

A **Deus**.

Ao meu **Anjo da Guarda**:

Eu acredito em Anjo da Guarda. Acredito que o meu (ou meus), esteja sempre de plantão. Sempre sinto a presença dele, o que me conforta freqüentemente e me impulsiona quando necessário. De algum tempo para cá, comecei a refletir mais intensamente sobre a presença deste meu anjo. Comecei a pensar na possibilidade de alguns anjos se materializarem em pessoas para ficarem perto da gente, nos orientando e tornando a nossa vida mais rica, mais harmoniosa. Acho (aliás, tenho certeza) que Deus colocou vários anjos de plantão na minha passagem aqui pelo Rio de Janeiro. E materializado, bem próximo, me dando ritmo, me instruindo, me fazendo crescer na essência humana, me presenteou com a Prof^ª. Dr^ª. **Vera Lúcia de Menezes Costa**. Ela, meu “*Anjo Materializado*”, é para mim uma fonte de tranquilidade, de equilíbrio, de compreensão.

Às minhas amigas, irmãs de fé e de aventuras, de brigas e de solidariedade: **Marta Moura Costa** e **Maria Cecília de Paula**. (Será que elas também não são Anjos da Guarda?).

Ao Prof. Dr. **Sebastião Josué Votre**; pela dedicação, atenção, compreensão e carinho com que sempre me atendeu; pelas oportunidades acadêmicas que me fazem sentir um privilegiado; pela leitura crítica dos meus primeiros ensaios, ajudando-me a ter autonomia; pela amizade.

Ao Prof. Dr. **Antônio Jorge G. Soares**, que sempre se colocou disponível para auxiliar-me nas buscas acadêmicas, pela amizade.

Ao meu irmão (**Denilson V. C. Salles**) e minha mãe (**Custódia Corrêa do Carmo**), referências maiores da minha vida.

A **Maria do Carmo Pimentel**, pelo carinho.

Aos Professores **Lamartine Pereira Dacosta**, **Hugo Lovisolo**, **Helder G. Resende**, **Luis C. Scipião Ribeiro**, pela atenção e dedicação.

Aos Prof. Dr. **Manoel José Gomes Tubino**, com toda admiração.

Ao Prof. Dr. **Roberto Ferreira dos Santos**, pela participação na banca de defesa.

Aos meus amigos do Handebol (Juiz de Fora - MG), pessoas que fazem dos meus fins de semana momentos de intensa alegria.

Aos meus amigos do Handebol (Cel. Fabriciano - MG).

À minha amiga **Eveline Torres Pereira**, pela constante força.

Aos novos amigos: **Leidina Helena Silva, Ludmila Mourão, Maria do Socorro M . Dantas, Maria Elisa Caputo, Euza, Rosa, Renata Figueiredo, Pedro Paulo Nunes, Alexandre Baroni, Carlos Coelho.**

Ao **Rodrigo Alexandre Costa Ferreira**, pela simpatia, pelo carinho.

Aos amigos **Mercês e Marquinhos**, pela acolhida e pelas primeiras orientações na cidade maravilhosa.

Ao meu amigo Dudu (**Eduardo Ferreira Lopes**), pela harmonia, pelo carinho.

Aos meus colegas e amigos do período de curso na UFV: EFI 87 e EFI 88.

Aos meus colegas professores da Universidade Federal de Viçosa, incentivadores do meu crescimento acadêmico.

Ao Prof. Dr. **Heron Beresford**, pela atenção e sugestões oferecidas por ocasião do exame de Qualificação.

À **Margarida** e à **Perpétua**, funcionárias da Assessoria de Assuntos Internacionais da Universidade Federal de Viçosa, pela paciência, pela compreensão e orientações constantes.

Aos funcionários da Universidade Gama Filho, que sempre me demonstraram sua afetividade: **Fabri, Neia, Homero, Emília, Renato, Vanessa** (Secretaria da PPG), **Airton, Maria Lídia** (Vice-Reitoria Acadêmica).

À **Lúcia** e à **Rita**, funcionárias do DES - UFV, por toda força e atenção.

SALLES, JOSÉ G. do C. (1998). **O contrato lúdico na prática de futebol lazer: Estudo da representação social.** (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Lúcia de Menezes Costa

RESUMO

Este estudo encontra-se inserido na linha de pesquisa transformação sócio-cultural da educação física, esporte e lazer, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Física da UGF. Os objetivos do estudo foram: compreender como é estabelecido o contrato lúdico na prática do futebol lazer; e compreender como o praticante de futebol representa o convívio durante os encontros ludo esportivos. A investigação foi do tipo exploratória, com análise desenvolvida baseada na abordagem qualitativa. Os instrumentos utilizados foram a observação direta: registro de diário de campo e a entrevista semi-estruturada, onde utilizou-se o recorte das falas dos informantes para dar suporte à elaboração do texto. A amostra foi constituída por praticantes de futebol lazer, pessoas jovens e adultas, que elegeram o Aterro do Flamengo como o local de sua prática. A matriz teórica-analítica que fundamentou o estudo, baseou-se na referências de Parlebas (1981, 1988), que buscou compreender a constituição do contrato lúdico nas práticas esportivas. Simmel (1977, 1983), Elias (1970, 1992), possibilitaram também a compreensão das articulações lúdicas no meio social. Observou-se três tipos de organização de grupos de praticantes: fechado, semi-fechado e semi-aberto. Concluímos que a prática está vinculada a distintos interesses pessoais, tais como: tempo livre, atividade física, busca de qualidade de vida, afetividade social e desempenho. Para dar suporte a sua intencionalidade o sujeito busca agregar-se ao tipo de grupo que atenda a sua expectativa. Embora os grupos apresentem características comuns quanto ao desenvolvimento da prática (apoiados nas regras do jogo), algumas categorias surgiram como ponto de distinção destes grupos: gosto pela atividade, modos de organização e sociabilidade. O contrato é estabelecido sobre o controle de participação, sobre a permanência no grupo e com grande incidência sobre a regra do jogo. Todavia o que promove esse encontro, o que funda o contrato lúdico é a transgressão da vida comum - possível nesses encontros.

SALLES, JOSÉ G. do C. (1998). **The ludicrous contract in the practice of leisure soccer: Social Representation Study.** (Master Program Dissertation). Rio de Janeiro. PPGEF/UGF.

Advisor Dr^a. Vera Lúcia de Menezes Costa

ABSTRACT

This study belongs to the research line concerned with social-cultural transformation in physical education, sports and leisure developed in the Post-Graduation Program in Physical Education at UGF. Its objectives were: to understand how the ludicrous contract is established in the practice of leisure soccer; and to understand how soccer practitioners represent the experience they have in their ludicrous sportive gatherings. The exploration was exploratory and its analysis was developed according to a qualitative-based approach. The instruments used were direct observation, daily field register and semi-structured interview. Excerpts of informants' utterances were used to give support to the text elaboration. The sample was constituted by leisure soccer practitioners, young and adult people who elected Aterro do Flamengo as the location for their practice. The theoretical-analytical matrix underlying the study was based on Parlebas references (1981, 1988), who sought to understand the constitution of ludicrous contract in sportive practices. Simmel (1977, 1983), Elias (1970, 1992) also contributed to the understanding of ludicrous articulations in social milieu. Three kinds of group organizations were observed: closed, semi-closed and semi-open. We have concluded that the practice is related to different personal interests such as: free time, physical activity, search for life quality, social affection and performance. In order to give support to their intentions, the subjects seek to join the kind of group that meets their expectations. Although the groups present common characteristics related to practice development (supported by game rules), some categories emerged as distinction points for those groups, such as: taste for activity, organization and sociability traits. The contract is established upon participation control, upon members' permanence inside the group and it has a great influence upon game rules. Nevertheless, what promotes those gatherings, what founds the ludicrous contract is transgression of common life - made possible in those encounters.

ÍNDICE

	Página
Lista de figuras	x
1º Momento:	
DELINEANDO A INVESTIGAÇÃO	01
1.1 - Introdução	
1.2 - Situação-Problema	
1.3 - Questões Orientadoras do Estudo	
1.4 - Objetivos do Estudo	
1.5 - Justificativa	
1.6 - Trajetória Metodológica	
2º Momento:	
A APROXIMAÇÃO COM A REALIDADE	14
2.1 - O Aterro do Flamengo	
2.2 - Minhas primeiras observações	
2.3 - Decrições dos grupos observados	
2.3.1 - Grupo semi-aberto	
2.3.2 - Grupo semi-fechado	
2.3.3 - Grupo fechado	
3º Momento:	
A APROXIMAÇÃO COM A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	49
3.1 -O Contrato Lúdico	
3.1.1 - As Contribuições de Rousseau e Simmel	
3.1.2 - A Regra, a Norma e a Lei	
3.2 - Lazer, Jogo e Esporte	
3.3 - Autoridade e Poder	
3.4 - Gosto	

4º Momento:

O MERGULHO NA REALIDADE	80
4.1 - Gosto pela Atividade	
4.2 - Sociabilidade	
4.3 - Modos de Organização	

5º Momento:

CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
ANEXO	126

LISTA DE FIGURAS

	Página
Fig. 1 - Vista parcial do Aterro do Flamengo - Rio de Janeiro - RJ	18
Fig. 2 - Vista parcial do Aterro do Flamengo - Rio de Janeiro - RJ	20
Fig. 3 - Vista parcial do Mapa Turístico do Centro e da Zona Sul do Rio de Janeiro	23
Fig. 4 - Grupo em atividade no local pesquisado - Exemplo de grupo semi-aberto	31
Fig. 5 - Grupo em atividade no local pesquisado - Exemplo de grupo semi-aberto	31
Fig. 6 - Grupo em atividade no local pesquisado - Exemplo de grupo semifechado	38
Fig. 7 - Grupo em atividade no local pesquisado - Exemplo de grupo semifechado	38
Fig. 8 - Grupo em atividade no local pesquisado - Exemplo de grupo fechado	44
Fig. 9 - Grupo em atividade no local pesquisado - Exemplo de grupo fechado	44

1.1 - Introdução

No universo sociocultural brasileiro há um consenso sobre a posição central do futebol no lazer. Este vínculo manifesta-se em todas as instâncias sociais, atingindo qualquer classe, faixa etária, raça e sexo. A constatação dessa realidade foi possível através de um estudo exploratório da prática de futebol com populares, que realizamos na cidade do Rio de Janeiro (Salles e Costa, 1997). A escolha do Rio de Janeiro se deu pelo fato de o futebol carioca há muito tempo ocupar um lugar de destaque no cenário nacional, apresentando quatro equipes profissionais (Fluminense Esporte Clube, Clube de Regatas do Flamengo, Botafogo Futebol e Regatas e Clube de Regatas Vasco da Gama) que figuram entre as mais populares do Brasil, o que faz com que, pela adesão da população, ele se constitua em um fator relevante na cultura local. Provavelmente, a gratificação de sentir seu time ocupando as manchetes na mídia, a intensidade dos estímulos da indústria cultural do futebol – que une juventude, força, beleza, o clima agradável da cidade e lazer – são aspectos que fazem com que a sua aceitação seja intensa na sociedade carioca, tanto na condição de prática como na condição de torcida.

Embora os objetivos sejam diferenciados, a estruturação do futebol como sinônimo de lazer e opção do povo deve ser objeto de reflexão diante dos comportamentos observados no dia a dia. Afirma Rosenfeld (1993) que uma apresentação concisa do futebol como fenômeno social de primeiro plano em nossa vida poderia contribuir de alguma forma para o conhecimento da atual sociedade brasileira.

Na análise de Meihy e Witter (1982),

o futebol como veículo de permanência de valores sociais é a mais

importante e contínua manifestação de massa no Brasil. Também é o esporte que abriga componentes variados de contradição. Em níveis, a solidariedade e a disputa coexistem dando sentido a uma modalidade esportiva que une e separa, promove e destrói, que alegra e entristece (p.13).

De acordo com Moscovici (1995), a paixão pelo futebol permite reorientar a vida coletiva e dirigir as novas transferências de disponibilidade através de objetivos de estabilização e de controle social.

Alguns parques públicos do Rio de Janeiro, em especial os de maior porte, instituem espaços para a prática do futebol, demarcados com medidas próximas às oficiais. Mesmo assim, alguns indivíduos buscam o seu próprio espaço de prática, investindo-o de significados, criando um local rico de interações. Segundo DaMatta (1989), essas interações ocorridas através do jogo de futebol possibilitam criar a fascinação que o futebol exerce sobre a nossa vida, “expressando assim alguns dos conflitos básicos na sociedade brasileira”(p.67).

Essa nova constituição de espaço parece dotar o indivíduo de forças convencionadas por padrões presentes no seu meio social: a necessidade de posses e consumo de bens materiais. O indivíduo sente-se com poder perante o espaço, apropriando-se dele a seu modo para uma prática efetiva de jogo. O espaço físico passa a ser seu e de seus companheiros, apesar da coletividade e do fato de ser um espaço público. O grupo reforça esta condição de propriedade do local, trazendo de casa suas traves e redes, como se naquele instante, ao armarem a “arena” para o jogo, estivessem tomando posse do terreno. Parece que alguns indivíduos buscam também resgatar através daquele local a sua possibilidade de posse frustrada (posses materiais, moradia, clubes etc). Percebe-se aí um espaço permeado pelas contradições do espaço

considerado público e do espaço considerado privado.

O esporte revela as mesmas condições de desigualdades sociais, onde poucos são os privilegiados que têm possibilidade de acesso a locais apropriados à prática esportiva (Costa e Tubino, 1995), seja pela distância ou pelo não acesso às áreas designadas para a prática. Para alguns não há a opção de frequentar um clube, em função dos critérios seletivos para o quadro de associados. Isto reflete a evidência da reestruturação desta prática pelas camadas menos favorecidas da sociedade, onde estes indivíduos buscam novos espaços para as suas possibilidades de lazer e atividades físicas, dando novos contornos às cidades, readaptando seus mapas visuais. É no lazer que o indivíduo obtém “condições para a liberação pessoal mais profunda de sensações, de sentimentos, de desejos, de sonhos antigamente reprimidos” (Dumazedier, 1994:49). Segundo Elias e Danning (1992), pode-se entender o futebol como uma atividade de lazer mimético¹, onde pode ser produzido um tipo de tensão – excitação agradável, desrotinizando as atividades do cotidiano do indivíduo.

Assim parques, praças terrenos baldios, são disputados por grupos que desenvolvem nestes locais suas práticas físicas e/ou de lazer, instituindo novos códigos, novas fronteiras de convívio. São espaços onde permeiam as interações coletivas, onde o indivíduo pode realizar-se apoiado nesta nova perspectiva interativa, diferente das estruturas sociais formais tais como trabalho, religião, política.

1.2 - Situação-Problema

¹ De acordo com Elias (in Elias e Danning, 1992), os sentimentos dinamizados numa situação imaginária de uma atividade humana de lazer têm afinidades com os que são desencadeados em situações reais da vida. Para Callois (1990), qualquer jogo supõe a aceitação temporária ou de uma ilusão ou pelo menos de um universo fechado, convencional e sob alguns aspectos imaginários. (*mimicry - simulacro*).

A integração de diferentes classes sociais através do futebol constitui-se em uma realidade que pode ser percebida em diferentes contextos socioculturais da sociedade brasileira. Podemos observá-la nas “peladas”² de final de semana, em que pessoas que praticamente não se conhecem encontram-se para jogar e estabelecem uma interação marcada de intencionalidade, onde cada indivíduo busca realizar-se esportiva e socialmente, dando sentido às suas necessidades e desejos.

Por trás da prática do futebol parecem existir valores individuais de afetividade, intencionalidade e outros, que são motores propulsores das motivações para esta prática. Embora os encontros ocorram periodicamente, as pessoas não têm a obrigação sistemática de ir até aquele local – elas o fazem quando querem, e muitas vezes onde querem.

Segundo Elias e Dunning (1992), o jogo de futebol constitui uma forma de dinâmica de grupo com uma determinada produção de tensão, especialmente no momento do lazer, que por um breve tempo permite um sentimento agradável que não é comum na rotina diária das pessoas. Colocam ainda que, numa sociedade do trabalho, o lazer é o único local público onde as pessoas podem realizar-se individualmente, considerando prioritariamente a sua satisfação pessoal.

Os autores referem-se ainda a uma ambigüidade peculiar que circunda a excitação mimética do lazer, quando os indivíduos se deixam envolver, em termos de experiências, em novos horizontes de excitação, tais como festivais de música, carnaval etc.

² Nome que recebe o jogo de futebol realizado por populares, o futebol informal. Em algumas regiões do país o jogo de futebol informal recebe outras denominações, tais como: racha, baba.

Pela dinâmica e necessidade do jogo de futebol, as pessoas se organizam para jogar nos papéis de defensores e atacantes, ocasionando uma rede³ momentaneamente equilibrada, tendo como objetivo o desenrolar da partida, que objetiva marcar gols na equipe adversária. Esta divisão de tarefas é espontânea, ou seja, o indivíduo apresenta-se para a posição que lhe dá maior prazer e possibilidade de realizar-se manifestando competência, exceto quando se trata de uma competição, em que há, na maioria das vezes, a determinação pelo grupo da função a ser desempenhada.

O futebol institucional se utiliza de regras e punições oficiais internacionalmente estabelecidas. O futebol que é jogado como prática recreativa normatiza contratos sociais, revestindo o espaço de jogo de uma teia de significados lúdicos de interação. Uma rede de comunicação é estabelecida, favorecendo a convivência lúdica onde afloram a criatividade, a espontaneidade, os impulsos e desejos de jogadores e de assistentes. Há um controle mútuo em função do contrato estabelecido – que nem sempre é harmonioso, pois no desenrolar das partidas os participantes muitas vezes se agredem verbalmente, e algumas vezes até fisicamente.

A escolha do futebol como fonte de lazer e/ou atividade física parece ter relação com o modo do indivíduo se relacionar com ele próprio e com os outros, o modo como ele se vê, quais os seus objetivos e seus valores.

Estando o indivíduo adaptado a um grupo social, ele se determina pelas construções preestabelecidas por seu grupo de origem. Essa construção social pela qual o indivíduo passou ao longo da sua vida será determinante no seu modo de agir

³ Na classificação de Parlebas (1988), o futebol é considerado como uma prática sociomotora. “Os jogos esportivos inscritos nessas práticas estão ligados a uma lógica interna precisa que estabelece uma rede de comunicações motrizes e outra de papéis sociomotores. A natureza da rede de comunicação é orientada pelos critérios de antagonismo e solidariedade existentes no jogo” (p.71).

diante da coletividade, refletindo suas ações e suas possibilidades de interações. No entanto, estas características de interações anteriormente estabelecidas podem ser moldadas, voluntariamente, a fim de buscar novas fronteiras de convívio, pois o indivíduo se depara com a necessidade de adaptar-se a convivências mais amplas.

Nos jogos de futebol lazer são estabelecidos contratos entre os jogadores. Contratos estes que asseguram a organização dos encontros, servindo de referência para resguardar os direitos e deveres de cada participante. Sem tal contrato o jogo poderia perder a sua lógica interna, pois cada indivíduo poderia externar um determinado tipo de comportamento, promovendo um caos que prejudicaria a realização dos encontros. Baseados nas normatizações do jogo, tais contratos são estabelecidos quase sempre de modo invisível, pois na maioria das vezes não ocorrem reuniões prévias para instituí-los. Eles acontecem na interação, no decorrer dos encontros. É o contato aceito e respeitado que, constituindo-se em norma, estabelece a harmonia e a socialização nos encontros. O seu desrespeito causa conflito.

Para Parlebas (1988), ele é um contrato social perfeito, já que os próprios integrantes do grupo são responsáveis pela sua condução. As forças externas são minimizadas. Nos jogos de futebol em forma de “pelada”, onde nem sempre os indivíduos se conhecem, o contrato é respeitado, mesmo sendo intersubjetivo.

O futebol lazer se destaca como elemento de coesão de pessoas com intencionalidade e subjetividades distintas. Situa-se dentro de uma perspectiva flexível de possibilidade, assegurando para o indivíduo a opção entre a formalidade rígida e a informalidade do jogo.

Mesmo se tratando de futebol enquanto prática de lazer, pode-se observar diferentes níveis de organização, e parece que em todos eles há uma tendência para o

esporte moderno, dentro dos moldes institucionalizados.

Diante de todos esses pressupostos torna-se fundamental levantarmos alguns questionamentos que servirão para elucidar a natureza das relações que se estabelecem no contrato lúdico.

Que representações fundam o contrato lúdico do jogo de futebol para o praticante em área de lazer?

Nos encontros realizados em seu momento de lazer o indivíduo se vê diante das possibilidades de realizações concretas das suas representações, onde podem aflorar suas fantasias e seus impulsos reprimidos no dia-a-dia. Mas qual seria o objeto desta representação?

1.3 - Questões Orientadoras do Estudo

Para dar encaminhamento ao estudo, buscamos respostas para algumas questões orientadoras:

Em que um grupo se fundamenta para se reunir e jogar ?

Há uma representação geral desta fundamentação pelos praticantes ?

O futebol seria o único elo dos encontros, ou haveria outros elos?

1.4 - Objetivos do Estudo

Tendo em vista o que foi exposto na introdução, na situação problema e nas questões orientadoras, os objetivos do estudo são:

Compreender como é estabelecido o contrato lúdico na prática do futebol lazer;

Compreender como o praticante de futebol lazer representa o convívio durante os encontros ludoesportivos.

1.5 - Justificativa

O lazer tem hoje o *status* de um dos mais importantes fenômenos da vida moderna, ocupando lugar de destaque nos estudos relacionados ao conhecimento humano. Mas, conforme afirma Franceschi Neto (1993), “ainda não faz parte do referencial de vida da grande maioria da população brasileira, seja pela falta de tempo livre ou pelo não acesso às atividades de lazer” (p.11).

Assim, apesar de sua influência nos mais diversos âmbitos socioculturais, no Brasil o lazer ainda necessita de fundamentação teórica que lhe dê suporte dentro da sociedade.

Constituindo-se em um fenômeno de lazer de proporções cada vez mais significativas no Brasil, o futebol poderia se tornar um foco exponencial da investigação científica, buscando superar em parte esta defasagem.

Considerado por vários autores (DaMatta, 1995; Daólio, 1997; Witter, 1990; Gordon Jr., 1995) como um fenômeno cultural brasileiro, o futebol se instalou em nossa sociedade, ditando comportamentos, modificando valores, incentivando o consumo e, sobretudo, sendo uma forte referência de lazer.

Segundo DaMatta (1994), o futebol se faz presente em todas as camadas sociais, constituindo-se em uma de nossas mais democráticas manifestações culturais. No entanto, conforme denuncia Shirts em 1982, a produção intelectual relacionada ao

futebol “resumia-se a alguns artigos pingados em revistas eruditas” (p.45). Hoje já contamos com um número maior de intelectuais contribuindo com este tema através de teses, livros e artigos em periódicos. Inclusive, apontamos o surgimento de um Núcleo de Sociologia do Futebol desenvolvido na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

O presente trabalho pretende contribuir para a compreensão de como o futebol é desenvolvido em espaços públicos por indivíduos que o praticam como atividade de lazer. A análise da fusão destes dois fenômenos sociais – futebol e lazer –, bem como da constituição social de espaço público pelas relações interpessoais dos praticantes, poderá favorecer o entendimento do Brasil como “país do futebol”, e ainda orientar políticas oficiais no campo do lazer para a população. Este estudo poderá também fornecer subsídios para a compreensão do lúdico desvinculado da necessidade de organizações formais; do lúdico simplesmente como manifestação dos interesses pessoais, ou seja, a busca do espaço e o gerenciamento do ambiente de lazer pelos próprios indivíduos.

1.6 - Trajetória metodológica

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, será realizada dentro de uma perspectiva etnográfica (Coulon 1995), objetivando estudar os etnométodos que os indivíduos utilizam no seu dia a dia e que regulam e mantêm as relações sociais entre eles. O etnométodo é uma ciência dos saberes práticos, construídos na locução entre pesquisadores e pesquisados. É o saber constituído pelo indivíduo comum.

De acordo com Coulon (1995), o ator social não é um idiota cultural. O

indivíduo deve ser visto e entendido como um ser capaz de constituir sua história de vida, explicá-la e interpretá-la. A pesquisa etnometodológica, então, busca compreender como os membros sociais constroem as suas atividades.

Quanto à abordagem qualitativa, ela proporciona uma visão mais ampla dos pressupostos que se deseja investigar, uma vez que a dinâmica social é permeada de fatos e valores dificilmente observados em outras abordagens. A abordagem qualitativa “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito, o objeto e a subjetividade do sujeito” (Chizzotti, 1991:79). Desta forma, o pesquisador passa a fazer parte da elaboração do conhecimento, analisando e interpretando os fenômenos norteadores das questões, atribuindo-lhes significados.

Para atingir os objetivos do presente estudo foram realizadas entrevistas do tipo exploratório, com questões semi-estruturadas que possibilitaram traçar um mapeamento do campo investigado, colhendo idéias e informações necessárias à condução da pesquisa.

A amostra desta pesquisa está constituída por grupos de praticantes do futebol como lazer nos parques e praças do Aterro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro. Essa amostra, do tipo intencional, abrangeu o número de praticantes que apareceram, e se esgotou quando as informações coletadas chegaram à saturação. Para fins deste estudo, os praticantes que integraram a amostra foram divididos, segundo as características de sua participação em três grupos: (1) grupos fechados, (2) grupos semifechados e (3) grupos semi-abertos.

As pessoas que utilizam o Aterro do Flamengo como seu local de prática de lazer apresentam faixas etárias variadas (desde adolescentes a pessoas com mais de 60

anos), e residem em diversos locais da cidade e da área metropolitana do Rio de Janeiro (bairros localizados nas proximidades do Aterro, como Flamengo, Catete, Glória, Centro, e também Zona Norte, Zona Oeste, Baixada Fluminense).

Foram realizadas 15 entrevistas, sendo os informantes selecionados intencionalmente dentro dos três grupos (cinco indivíduos de cada grupo). A média de idade é de 31 anos, sendo que o informante mais idoso tem 53 anos e o mais jovem 18 anos. Todos são do sexo masculino, sendo sete solteiros e oito casados, moradores dos bairros Botafogo, Catete, Flamengo, Glória, Lapa, Meier, Quintino, Largo do Machado e Tijuca, com graus de instrução variando da 6ª série do 1º grau ao nível superior. Quanto à atividade profissional, distribuem-se em diferentes ocupações: auxiliar de contabilidade, processador de dados, professor, engenheiro eletrônico, técnico em manutenção de computador, funcionário público, estudante, militar, bancário, mecânico de automóveis, balconista, “flanelinha” e faxineiro.

Também foram utilizados como instrumentos de coleta de dados os registros de observações diretas e os registros no diário de campo, que serviram de suporte para as análises feitas no desenrolar do estudo. Segundo Ludke e André (1986), a observação direta favorece que o observador se aproxime da perspectiva dos sujeitos. Este acompanhamento *in loco* faz com que o pesquisador possa entender a realidade que cerca os indivíduos observados e o que contorna suas ações.

Através destes procedimentos, procurou-se verificar como o contrato lúdico que fundamenta o futebol lazer é representado entre os praticantes nos grupos mencionados.

O roteiro da entrevista foi elaborado objetivando desvendar as características gerais dos praticantes, e também o desenvolvimento da prática do futebol. As primeiras

perguntas de ordem pessoal objetivaram saber qual a procedência, idade, características familiares, formação educacional, profissão e os vínculos com o grupo de praticantes. As perguntas subseqüentes buscaram saber como o sujeito constitui aquele momento, quais as finalidades, quais os interesses naquela prática, a relação com o grupo, a dinâmica do jogo, como o sujeito percebe o ambiente e o que faria naquele espaço, caso fosse o responsável pela administração do Parque.

Para dar suporte às interpretações foram utilizados fragmentos das falas, transformando-os em produtos através do recorte. Esses produtos, na visão de Verón (1980), facilitam a compreensão dos sentidos que circulam nas representações entre os atores.

A APROXIMAÇÃO COM A REALIDADE

Meu interesse por este estudo iniciou-se quando, juntamente com outros colegas do curso de mestrado da Universidade Gama Filho, nos propusemos a realizar um trabalho, no ano de 1996, na disciplina MEF 212 - Problemática da Educação Física, sobre representação social do praticante de futebol de praia na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, especificamente em Copacabana, intitulado “Futebol de Praia: Representações simbólicas do espaço lúdico” (Salles et al., 1996).

No decorrer do estudo, fiquei entusiasmado com as teorias do francês Pierre Parlebas, relacionadas à sociologia do esporte, que compuseram o referencial teórico do trabalho. A cada dia meu interesse pelo estudo do contrato lúdico foi aumentando, e desta forma me envolvi no tema desta dissertação.

Passei a interessar-me pelo futebol “pelada”, que sempre presenciei na minha cidade (Viçosa- MG) e que acontece em todas as cidades do Brasil. Em qualquer canto, em qualquer rua, basta que apareça uma bola e certamente aparecerá alguém disposto a jogá-la.

Em meio a todas as dúvidas quanto ao local a ser investigado, ao grupo, à metodologia, à pesquisa em si, cursava as disciplinas exigidas pelo Curso de Mestrado. Foi neste período que tive contato com os métodos da pesquisa etnometodológica. Tal descoberta, para mim, imaturo pesquisador, foi sedutora, intrigante, convidativa. Procurei então aprofundar o estudo da obra de Alain Coulon, relacionada à etnometodologia, juntamente com as teorias da representação social de Serge Moscovici

e Denise Jodelet.

A escolha do local de investigação, o Parque Brigadeiro Eduardo Gomes – conhecido com Parque do Aterro do Flamengo – se deu pela farta presença de grupos (pessoas) que diariamente utilizam seus espaços (praças, jardins, campos) para realizar suas atividades físicas e/ou de lazer, especialmente o jogo de futebol. Após definido o local, passei a freqüentá-lo tendo como propósito mapear os grupos e selecionar os que se adequassem aos propósitos da pesquisa.

Tais visitas deram origem a um diário de campo, onde registrei as principais características dos grupos, entre elas: freqüência de prática semanal, relacionamento entre os praticantes, forma de aglomeração e faixa etária.

Percebi que os grupos apresentavam características próprias, independentes, quanto à relação que se estabelece entre os praticantes, no tocante ao desenvolvimento da prática do futebol e também nas formas organizacionais.

Inicialmente foi difícil o contato, pois embora eu tentasse manter a discrição e um certo distanciamento, após algumas visitas comecei a perceber que estava sendo observado, o que gerou uma reação um pouco incômoda. Várias vezes alguns integrantes conversaram comigo, o que pareceu-me uma investigação quanto ao meu interesse. Na condição de pesquisador, me vi pesquisado. Sempre que me interrogavam procurava responder naturalmente quais eram os meus propósitos. Por fim, passei a ser mais um na multidão do Parque.

Para dar suporte às minhas proposições, resolvi realizar inicialmente um estudo-piloto, de caráter exploratório, a fim de estruturar a investigação que se seguiu para o desenvolvimento da dissertação.

O estudo-piloto foi realizado entre os meses de maio e julho de 1997, e suas

interpretações foram apresentadas em painel no Congresso da AIESEP – (Association Internationale des Écoles Supérieures d’Education Physique) – realizado no Rio de Janeiro no mês de agosto de 1997 (Salles e Costa, 1997).

As entrevistas, orientadas por um roteiro semi-estruturado, foram gravadas e transcritas, objetivando facilitar sua análise e a utilização de recortes das falas na apresentação dos resultados, ilustrando a análise e interpretação.

A escolha dos sujeitos investigados e do local onde se realizou o estudo constituíram-se em pontos fundamentais para se alcançar os objetivos a que ele se propôs. Diferentes aspectos mereceram ser analisados e levados em consideração ao fazermos uma opção do estudo.

Para melhor explicitar os motivos da escolha do local e da população alvo e para elucidar o ambiente no qual foi realizada a investigação, passamos a descrevê-lo.

2.2 - Minhas Primeiras Observações

Enquanto se aglomeram antes de começar o jogo alguns praticantes ficam tocando a bola entre si, outros ficam realizando “embaixada⁴” e outros ainda, especialmente os que mais se conhecem, se dedicam a conversas variadas, que versam geralmente sobre o futebol, as equipes nacionais e os jogos da semana. E discutem e emitem opiniões sobre jogadores e escalações dos grandes clubes brasileiros, e nessa conversa pude observar a filiação afetiva aos clubes de futebol, demonstrada pela

⁴ Nome que se dá ao controle da bola no ar, realizado por um jogador evitando que a bola toque o chão.

satisfação ou revolta que expressam com relação às suas equipes do coração.

Quando as férias escolares terminaram, em março de 1997, o número de praticantes ficou reduzido nos dias de semana, mas nos finais de semana a frequência voltava ao número da época das férias de verão.

Também percebi que o término do “horário de verão”, em março de 1997, reduziu significativamente a quantidade de pessoas que usufruíam daquele espaço nos finais de tarde. Os campos permanentes e temporários⁵ começaram a esvaziar-se.

A redução do tempo de claridade natural não favorecia que as pessoas saíssem do trabalho e se dirigissem ao Parque, conforme me foi verbalmente relatado por alguns freqüentadores. Um deles comentou: “*semana que vem vai ficar difícil vir pra cá*”.

Parece que há uma concepção geral dos perigos de se transitar pelo Aterro após o escurecer, embora neste mesmo verão tenham sido inauguradas as novas iluminações. A escassez de policiamento também favorece comportamentos desviantes, tais como pequenos furtos e prostituição.

No período compreendido entre março e junho de 1997, percebi claramente como a prática de futebol em alguns grupos se readaptou, em função do número reduzido de praticantes diários. Muitas vezes os jogos começavam e terminavam mais cedo.

No mês de julho de 1997, devido às férias escolares, o Parque teve outra super utilização, a maioria dos freqüentadores aparentemente era constituída por estudantes. Após o término das férias escolares, o público voltou a se reduzir.

Para mim, após um ano de observação tornou-se evidente que a prática do

⁵ Chamo de campos temporários, aqueles que surgem sem que tenham sido planejados. Inclusive, em entrevista com funcionários da administração do Parque, foi-me dito que tais campos, embora não instituídos oficialmente, já fazem parte da estrutura do Parque.

futebol lazer segue um ciclo em função dos finais de semana, das férias escolares e do “horário de verão”, períodos em que é intensificada a prática físico-esportiva por todo o Aterro.

2.3 - Descrição dos Grupos Observados

O sociólogo Georges Gurvitch, citado pelo *Dicionário do pensamento social do século XX* (1996), elaborou uma tipologia de grupo baseada em 15 critérios de classificação:

“conteúdo; tamanho; duração; ritmo; proximidade dos membros; base de formação (voluntária e assim por diante); acesso (aberto, semifechado e fechado); grau de organização; função; orientação; relação com a sociedade; relação com outros grupos; tipo de controle social; tipo de autoridade; e grau de unidade” (p.345).

Para este estudo, dentre as diversas características apresentadas pelos grupos observados, optei por classificá-los inicialmente quanto ao critério de acesso, modificando a denominação de um dos três tipos especificados por Gurvitch para atender ao que foi constatado durante a pesquisa.

O grupo semi-aberto é aquele que se formou espontaneamente e/ou da sobra de pessoas de outros grupos, e que joga livremente por todo o Parque, seja na área gramada ou não. Sua faixa etária é bastante abrangente: 16 a 55 anos.

O grupo semifechado é formado por pessoas que apresentam afinidades baseadas em algumas características comuns, tais como: proximidade de moradia, pertencimento a turma de colégio e/ou faculdade, amigos de infância etc. Apresenta faixa etária entre 16 e 30 anos.

O grupo fechado é aquele em que a prática do futebol segue a dinâmica do esporte institucionalizado. Não há a participação de pessoas estranhas ao grupo. A faixa etária está compreendida entre 16 e 53 anos.

Para facilitar a análise, os informantes foram identificados por letras. Grupo semi-aberto: A, I, K, L e M; grupo semifechado: B, F, J, N e O; grupo fechado: C, D, E, G e H (anexo 1).

2.3.1 - Grupo Semi-aberto

No grupo semi-aberto há uma freqüente flutuação das pessoas, e também rotatividade quanto ao local do jogo. As pessoas neste grupo demonstraram preferência por alguns locais, mas em geral jogam onde encontram um espaço vazio.

De acordo com o *Dicionário do pensamento social do século XX* (1996), alguns autores classificam este tipo de grupo como “quase grupo”, uma vez que as relações são mais tênues, há menos consciência de grupo e, talvez, uma existência mais fugaz. Entretanto, a fronteira entre os grupos e os “quase grupos” não é uma coisa fixa ou claramente marcada.

Quando iniciei minhas primeiras visitas ao Parque, talvez até pelo fato de estar influenciado por comentários de outras pessoas quanto ao fechamento e coesão constante dos grupos de praticantes de futebol, fui surpreendido (e fiquei curioso e confuso) pelos grupos de pessoas que ali se reuniam para jogar sem apresentarem aparentemente um vínculo freqüente.

Em função dessa percepção, resolvi acompanhá-los e buscar compreender o

que os vinculava a esta estrutura de prática, que se evidenciou como diferente dos outros dois grupos que estava mapeando (semifechado e fechado). Pelas observações iniciais, acreditei tratar-se de um grupo aberto, livre, que facilita a participação de qualquer indivíduo que quisesse jogar, reconhecendo-lhe o direito de interagir no jogo. À medida que acompanhava o desenvolvimento do grupo, julguei ser mais pertinente denominá-lo de semi-aberto, pela flutuação de comportamentos e atitudes que fui presenciando a cada dia.

Observei que as pessoas estavam sempre jogando em um campo demarcado, localizado próximo à praia. O número de praticantes era diferente a cada dia, o que modificava a estrutura prática diária do jogo. Dependendo do número de jogadores, adotava-se um ou outro tipos de organização.

A princípio fiquei cismado com a grande rotatividade de pessoas, o que, no meu entender, não permitia que se criasse a identidade grupal que eu buscava para descrevê-lo. Ou seja, o que caracterizava este grupo era justamente não ter identidade, ou ter uma identidade desapegada de vínculos afetivos entre os jogadores.

Em nenhum momento, vi alguém que demonstrasse interesse em jogar ser proibido de participar da prática, embora pudesse ter que esperar para entrar no jogo. Esta situação foi um dos motivos da minha desconfiança, uma vez que nos outros grupos observados é evidente a exclusão de pessoas não pertencentes ao grupo. Neste era diferente. A cada dia pessoas estranhas apareciam e outros participantes sumiam, não havendo nenhum vínculo de permanência, nem com o local, nem com o grupo, apenas com a atividade.

A forma de inserção neste grupo não segue qualquer determinação. O ritual é simples: basta apresentar-se para o jogo e participar. Os informantes disseram que trata-

se de um espaço aberto à participação:

“Sempre tem gente que a gente nem conhece, mas chega e joga com a gente. Geralmente chega, pede para jogar e joga.” (Inf. A)

“Mas qualquer um que chegar pode brincar. É só esperar a sua vez, aí entra e joga.” (Inf. L)

“Se tiver faltando gente qualquer um pode entrar. Aqui todos que querem jogar, jogam.” (Inf. K)

Após algumas visitas, percebi que alguns jogadores eram mais assíduos, mas mesmo assim não eram exclusivamente freqüentadores daquele grupo. Quando conversava com eles, revelavam que jogavam em outros lugares, também ali no Parque, inclusive nos grupos que denominei de fechado e semi-fechado.

A informalidade das relações era coerente com a informalidade do jogo de “pelada”. O vínculo era somente com a atividade. O sujeito queria apenas jogar, e o gosto pelo jogo era individual. Na realidade, só havia interação pela necessidade de ter um grupo para jogar. A relação, neste caso, parece não se estender após o término do jogo. Os participantes falavam uma linguagem corporal técnica de futebol, adotavam um vínculo afetivo aceitável para a participação. Dispensavam qualquer aprofundamento das relações.

Muitos jogadores entrevistados neste grupo disseram-me que jogavam onde pudessem. Para eles, o local da prática (campo oficial ou campo informal) não é a referência mais importante para o jogo, mas a prática em si, embora tenham demonstrado preferência por um local específico.

“Eu jogo onde tiver gente jogando e puder jogar.” (Inf. C)

“Mas eu jogo em outros locais.” (Inf. K)

Muitos praticantes, ao chegarem a um local onde havia um número elevado de jogadores esperando para entrarem no jogo, buscavam outros espaços e geralmente levavam consigo alguns dos praticantes que também estavam fora do jogo, para comporem novas equipes, para jogar em outros espaços. O número de interessados, principalmente nos finais de semana, fazia com que a flutuação de jogadores fosse intensa.

Neste grupo a organização prática dos jogos de futebol está relacionada diretamente às regras oficiais do futebol, e as regras são a principal estrutura de organização dos encontros.

Apesar de seguirem as regras oficiais, estas estão sujeitas a adaptações diárias em função do número de jogadores. Em alguns dias, principalmente quando o número de jogadores é reduzido, pode não haver goleiros. Mas, geralmente, quando existem jogadores interessados em desempenhar tal função, isto é respeitado. Se não houver dois goleiros, em uma das equipes os jogadores se revezam nesta função, o que poderá ser resolvido no sorteio⁶, respeitando-se alguns critérios como tempo fixo de permanência na função (em geral, 5 minutos), ou até que um “gol próprio”⁷ seja realizado. Como geralmente o número de jogadores nesta função é reduzido, quase sempre o goleiro continua jogando, mesmo quando sua equipe é derrotada e deixa o

⁶ Neste caso todos os jogadores são enumerados, e é pedido a um outro jogador presente, que não esteja na equipe em questão, que diga dois números, determinando quais serão os goleiros. O primeiro número falado inicia o jogo como goleiro e o outro entra seguindo o critério determinado.

⁷ É quando a equipe do goleiro em questão marca um gol sobre a equipe adversária.

jogo. Neste caso, se a equipe que irá jogar em seguida não tem um goleiro definido, entra apenas com os jogadores de campo, e o goleiro, que já estava no jogo, continua.

A largura do gol é variável quando não há a presença de goleiros. Quando não há traves, para delimitar a distância entre elas, a medida é realizada por qualquer um dos jogadores, que o faz com suas próprias passadas, delimitando a área com objetos tais como: paus, pedras, calçados, roupas etc. A única regularidade encontrada é o fato de ser o mesmo sujeito que marca a distância nos dois campos. O limite superior dessas traves é imaginário, mas em geral utiliza-se a mão estendida para o alto, o que pode gerar dúvidas quanto à efetividade e validade de um gol, uma vez que as envergaduras daqueles que estendem a mão são diferentes.

Nem sempre há um limite definido do campo. O jogo é desenvolvido em um campo com limites imaginários. A bola fica fora de jogo quando alguém reclama da situação e pára a jogada. Entretanto, esta determinação só ganha sentido se for aceita pela maioria. Há um acordo tácito, consensual, entre os participantes. Alguns jogadores tentam continuar o jogo mesmo quando alguém diz que a bola está fora, mas os critérios para esclarecer esta dúvida não ficaram para mim muito nítidos. Pareceu-me haver alguns outros indicadores, tais como autoridade, autoritarismo e consenso.

Observei que a divisão das equipes é feita segundo uma ordem que se estabelece a partir de dois critérios, a saber: 1) critério de forças⁸, subdividido em duas situações: sorteio dos jogadores⁹ e equilíbrio de forças (através da distribuição equitativa da habilidade técnica); e 2) disposição por ordem de chegada.

⁸ Trata-se da ação conjunta do desempenho através das habilidades técnicas.

⁹ Sempre são escolhidos primeiramente os mais habilidosos.

Na divisão por sorteio, duas ou três pessoas “tiram”¹⁰ o “par ou ímpar”, ou “zero ou um”¹¹; e começam a escolher os demais integrantes até que se completem as equipes. Se há somente dois jogadores disputando o “par ou ímpar”, os demais jogadores que não foram escolhidos formam a equipe que ficará de fora aguardando a próxima partida. Se forem três equipes, também há o sorteio através do “zero ou um” para definir quais as duas que irão jogar primeiro. Neste caso, o representante que apresentar sinal diferente ficará de fora no primeiro jogo.

Quando existem goleiros, os mesmos são escolhidos no início, para que não seja necessário revezar os jogadores nesta função dentro da equipe.

Após iniciado o sorteio, nenhum outro jogador que chegar poderá ser escolhido antes dos que estavam presentes. Perguntei o porquê desta situação, e me disseram que era para respeitar os que chegaram na hora certa.

Quando a divisão é realizada por equilíbrio de força, geralmente as pessoas já se conhecem e os jogadores que apresentam melhores habilidades técnicas são divididos progressivamente entre as equipes; os demais são escolhidos aleatoriamente. Devido à grande rotatividade de jogadores e à falta de conhecimento da habilidade de muitos, por serem estranhos, este tipo de divisão não é freqüente.

Algumas vezes vi alguns participantes reclamarem das diferenças técnicas apresentadas pelas equipes, dizendo que determinadas equipes estavam muito fortes.

¹⁰ É como eles dizem na realização do sorteio por par ou ímpar.

¹¹ É uma forma de sorteio utilizada quando três ou mais pessoas estão participando. As pessoas colocam as mãos para trás e dizem junto: zero ou um. Neste momento colocam uma das mãos para a frente e mostram ou apenas um dedo estendido, ou um círculo formado pelo polegar e indicador (zero). A pessoa que apresentar o símbolo diferente irá escolher o primeiro jogador. Os outros dois fazem o par ou ímpar para definir quem será o que irá escolher em segundo lugar. O mesmo critério segue para definir quem irá jogar primeiro.

Essas reclamações eram efetuadas principalmente por jogadores da equipe que estava em desvantagem.

Na divisão por ordem de chegada, as pessoas que primeiro chegavam garantiam seu lugar na primeira partida, até que as duas equipes ficassem completas. Os demais, ao chegarem, aguardavam e iam completando a “próxima de fora”, como eles denominavam.

Algumas vezes presenciei a rejeição de algumas pessoas por uma determinada equipe. As pessoas se recusavam a participar da equipe que estava “de fora” esperando o jogo terminar, e avisavam que iriam participar da segunda equipe “de fora”. Isso dá ao sujeito o direito de formar sua própria equipe com pessoas que forem chegando, ou ainda com participantes da primeira partida que foram derrotados. Ao conversar com alguns integrantes, estes disseram que tal comportamento ocorria pelo fato de perceberem que a equipe em que iriam jogar, estava muito fraca tecnicamente. Assim, preferiam montar uma nova equipe. Isso ocorria com mais frequência quando a pessoa conhecia as equipes, e também nos dias de semana. Nos finais de semana, o elevado número de jogadores estranhos não favorecia tal situação.

Quando há equipes “de fora”, geralmente utilizam-se os seguintes critérios de organização quanto ao tempo de duração do jogo: jogos de 10 minutos ou 2 gols de uma mesma equipe. Terminado o tempo, se não houver vencedor, um sorteio através do par ou ímpar irá determinar quem continua no jogo. Mesmo nos minutos iniciais, se uma equipe marcar 2 gols o jogo é dado por encerrado.

Para determinar quem irá começar com a posse de bola é feito o sorteio, também através do par ou ímpar.

Geralmente uma das equipes joga sem camisa, para distinguir os jogadores

durante o jogo.

2.3.2 - Grupo Semifechado

Os integrantes do grupo semifechado reúnem-se geralmente nos finais de semana e jogam entre si, não aceitando a participação de pessoas estranhas, a não ser que sejam convidadas pelos próprios membros. A faixa etária deste grupo vai dos 16 aos 30 anos, não havendo nenhuma pessoa de faixa etária elevada. Alguns integrantes disseram-me que a participação de pessoas mais velhas não é aceita para não interferir na liberdade que permeia aquele encontro.

O nível sociocultural do grupo é variado, mas em geral a maioria é estudante, do 2º grau ou de universidade. Algumas pessoas já terminaram a faculdade e/ou já estão trabalhando.

Segundo eles, o grupo é formado por amigos, colegas de escola e/ou faculdade, vizinhos, amigos de infância e primos. Portanto, a forma de inserção no grupo está atrelada a relações afetivas provenientes da vizinhança, amizades e parentesco. O vínculo de pertencimento ao grupo antecede o momento do jogo.

Disseram-me que a proximidade de sua moradia com o Aterro foi determinante para o surgimento do grupo, inclusive a maioria mora no bairro Catete.

Jogam geralmente em espaços gramados próximos ao Monumento em Homenagens aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, mas se ao chegarem lá o local já estiver ocupado, buscam outro espaço. Já os vi jogando entre as duas pistas da Av. Infante Dom Henrique, em frente à Igreja da Glória.

“Se tiver alguém no local que a gente gosta de jogar, a gente vai para outro.” (Inf. F)

Alguns integrantes também disseram que jogavam em qualquer local. Entretanto, um fator que pode alterar o local da prática é o número de participantes diário. Um dos informantes comentou:

“Depende do tanto de pessoas que vêm jogar. Se vier muita gente, aqui não dá porque fica muito apertado. Aí a gente procura outro lugar.” (Inf. J)

Os integrantes trazem de casa as traves e as redes, e enquanto alguns preparam o campo outros ficam a dominar a bola, e outros conversam sobre variados temas enquanto calçam suas chuteiras e seus tênis.

É muito freqüente a presença de algumas meninas, que parecem fazer parte do círculo de amizade e relação dos integrantes. Entretanto, elas só ficam assistindo.

Este grupo começou a jogar junto há aproximadamente 6 anos, mas muitos que participaram desse início já não comparecem mais, devido principalmente ao fato de terem mudado para locais distantes ou adquirido outros interesses e ritmo de vida. Para alguns dos que foram se integrando mais tarde esta marca temporal não é significativa: eles apenas declararam que quando começaram a jogar os outros já estavam ali.

Neste grupo observei o consumo de maconha por alguns dos integrantes, antes e durante os jogos. Aparentemente não há nenhuma repressão por parte daqueles que não fazem uso da droga. Algumas pessoas comparecem aos encontros mas não jogam, ficam somente participando das “rodadas de fumo”.

A forma de relacionamento entre eles demonstra haver uma afetividade que extrapola aquela convivência do jogo.

A estrutura do jogo varia de dia para dia, dependendo do número de pessoas que chegam para jogar. O futebol é jogado quase completamente nos moldes do futebol institucionalizado. Alguns ajustes ocorrem, mas estes em geral já foram preestabelecidos pelo grupo.

Dentre os ajustes, podemos destacar: número variado de jogadores, tempo de jogo, limite de campo, ausência de árbitros, utilização de traves e travessões de tamanhos reduzidos (3 metros de comprimento por 2 de altura), e as equipes são formadas por equilíbrio de competência técnica através do sorteio, ou ainda em função de algumas outras especificações criadas por eles, tais como: menores de 20 anos contra maiores de 20 anos; os que moram do lado direito contra os que moram no lado esquerdo da rua¹²; os universitários contra os não universitários.

Eles dividem as equipes pelo número de pessoas interessadas em participar. Não há necessariamente um número limite de jogadores. Quando há grande quantidade de jogadores, eles formam mais equipes e estabelecem o critério de 10 minutos ou 2 gols para o término de uma partida (o mesmo já descrito quanto ao grupo semi-aberto).

O tempo de duração da partida é variável, dependendo de algumas circunstâncias, tais como: interesse de alguém em continuar a prática e número de participantes, se o jogo foi marcado previamente. Quando estão jogando “pelada”, o jogo pode durar o tempo que estiverem interessados em jogar, variando até no máximo

¹² Em uma das entrevistas, foi relatado que eles estavam compondo as equipes da seguinte forma: por morarem quase todos na mesma rua, resolveram fazer uma competição em melhor de 5 jogos, entre os moradores do lado direito *versus* os jogadores do lado esquerdo da rua. Os que não morassem naquela rua jogariam tendo como orientação a proximidade da rua, para jogar por uma das equipes.

2 horas. Quando há mais de uma equipe, já está estipulado tacitamente o critério dos 10 minutos ou 2 gols. Quando o jogo foi previamente marcado, o tempo pode ser estipulado em dois tempos de 30 minutos cada. Algumas vezes presenciei o término de jogos devido ao número reduzido de pessoas, embora alguns jogadores desejassem continuar. Isto revela o desejo de conservar ou estender este tempo agradável de lazer. Dumazedier (1994) refere-se ao lazer como um tempo ipsativo, isto é, um tempo de si para si mesmo, onde o sujeito tem a expressão individual ou coletiva de seus atos. Para o autor, este tempo “é voluntário, convivial, aberto ao mundo das coisas e dos seres, mas antes de tudo centrado na exigência individual ou social da personalidade” (p.166).

O campo de jogo tem limites imaginários, dependendo do bom senso entre eles, exceto quando existe algum obstáculo que marca a saída da bola, como por exemplo os limites do canteiro. Caso algum dos integrantes reclame da saída da bola, os demais integrantes acatam ou não, dependendo da opinião da maioria.

Os jogadores deste grupo disseram não utilizar arbitragem, nem nos jogos competitivos. As faltas e as dúvidas são resolvidas por eles mesmos. Entretanto, em um dos jogos presenciei uma discussão que se estendeu por algum tempo em função de uma discordância entre as duas equipes. O jogo reiniciou com uma das equipes cedendo à exigência da outra.

Quando é marcado um gol, seja em jogos de “pelada” ou em jogos de competição¹³, as comemorações são realizadas com muita alegria: todos os integrantes da equipe favorecida pelo gol comemoram “escandalosamente”, imitando os gestos dos ídolos da equipe profissional da qual são torcedores, ou adotando aquelas formas de

¹³ Chamo aqui de jogos de competição aqueles em que há uma equipe preestabelecida contra outra, tais como: universitários *versus* não universitários; lado direito da rua *versus* lado esquerdo; menores de 20 anos *versus* maiores de 20 anos.

comemoração existentes no futebol profissional e que a televisão veicula. Em geral é o jogador que marca o gol que determina a forma de comemoração.

O jogo deste grupo é caracterizado por uma grande harmonia entre os participantes, onde a violência física tem pouca expressão.

2.3.3 - Grupo Fechado

Este grupo joga geralmente nos campos específicos de futebol, localizados entre a Praia do Flamengo e a Avenida Infante Dom Henrique, próximo ao Hotel Glória.

Trata-se de um grupo que apresenta uma estrutura com características parecidas com as dos clubes esportivos sociais. Para um entrevistado, inclusive o Aterro funciona como um clube social:

“Aqui é como se fosse um desses clubes, grandes clubes, só que não temos cota para pagar. Todo mundo é dono. E não é fechado, não tem que mostrar a carteirinha de sócio para ninguém. É um ambiente livre, sem ninguém falando o que pode ou o que não se pode fazer.” (Inf. H)

O entrevistado tem razão ao sentir-se “dono” do espaço. Trata-se de um espaço público gerenciado pelo governo. Engana-se quando pensa não ter cota a pagar: os impostos é que garantem o uso aos cidadãos. A liberdade, entretanto, é condicionada pelas regras que os usuários se auto-impõem.

Os participantes do grupo jogam frequentemente, tendo sempre os mesmos parceiros, utilizam as mesmas regras do futebol institucionalizado. Dependendo do jogo, que pode ser “pelada”, torneio ou campeonato, fazem alguns pequenos ajustes às regras, mas tais ajustes já são previamente conhecidos.

Utilizam camisetas numeradas, que são distribuídas no início do jogo pelo líder da equipe.

Os líderes são os responsáveis por organizar e marcar os jogos. São eles que determinam as funções que cada jogador irá desempenhar em campo. Funcionam como uma espécie de fusão entre técnico e “cartola”¹⁴. Têm a aceitação do grupo devido à autoridade que reconhecem nele. Tal autoridade se estabelece pela competência técnica e pelo conhecimento da dinâmica do jogo. O jogador identificado como líder pelos demais participantes admite tal liderança e a justifica da seguinte forma:

“É que eu ajudo a melhorar. Mas não sou eu que mando. Todo mundo manda, desde que tenha razão, tá entendendo? O pessoal pede para eu organizar, porque eu jogo sempre e já fui professor de uma escolinha aqui, aí o pessoal pede que eu organize o time. Deve ser porque eu já trabalhei com futebol, aí o pessoal acha que eu sei o suficiente para organizar”. (Inf. E)

Outras entrevistas confirmaram essa liderança conquistada na base do respeito, seriedade e competência que os demais integrantes vêem nessa pessoa.

Em geral, os jogos do grupo fechado são marcados previamente com outros grupos que apresentam as mesmas características, tendo horários e dias estabelecidos. Entretanto, ocorre de jogos serem combinados ali mesmo, com outras equipes que aparecem sem que nada houvesse sido marcado. Normalmente os jogos acontecem aos finais de semana, mas no período do “horário de verão” eles podem ocorrer com mais frequência, inclusive nos dias de semana.

Neste grupo não há a participação de pessoas estranhas. Existe uma estrutura

¹⁴ Nos clubes de futebol, principalmente nos grandes clubes, há uma hierarquização do poder, sendo a figura do “Cartola” representada pelos diretores e presidentes dos clubes. Estes detêm o poder por força da instituição que os ampara.

de filiação, como acontece nos clubes sociais, onde o indivíduo para participar tem que se associar. A forma de inserção no grupo depende de alguns critérios, tais como: substituição de um dos jogadores da equipe, ser conhecido dos outros participantes e apresentar-se disponível para ajudar quando algo for solicitado. Conversando com o líder, ele disse:

“Não dá para deixar entrar todo mundo que chegar. A gente não vai botar um estranho no meio da gente. Tem que controlar. O cara tem que ser gente boa pra gente deixar ele jogar.” (Inf. E)

Há controle na adesão ao grupo. O indivíduo tem que se moldar à expectativa do grupo. Na seqüência de sua fala, o líder disse inclusive ter ocorrido exclusão de pessoas por não adaptação ao grupo:

“A gente resolveu que ele ia parar de jogar com a gente se ele não mudasse. Tentamos, mas ele só queria confusão mesmo. Ai resolvemos não colocá-lo para jogar mais com a gente.”(Inf. E)

Este grupo fechado joga em um dos dois campos grandes¹⁵, pois nos campos menores, não se pode jogar com a equipe inteira.

O surgimento do grupo não pôde ser determinado. Alguns integrantes mais antigos disseram que quando começaram a jogar o grupo já havia sido formado, não conseguindo relatar a data de origem do grupo:

“Quando eu comecei a jogar já tava o pessoal aí. Já tinha um grupo. Uns saem, outros entram, e assim sempre vai

¹⁵ Campos com dimensões de 80 x 40 metros, denominados Constantino Pires (nº 1) e Nilton Santos (nº2).

ficando alguém. Quando eu cheguei era outro pessoal, mas aí as pessoas mudam de bairro, começam a trabalhar... não dá pra manter todo mundo.” (Inf. C) 53 anos

“Acho que faz muito tempo. Faz muito tempo... quando eu comecei a jogar não era esse mesmo pessoal que joga hoje. Tinha só alguns. A cada ano saem uns, entram outros. E assim o grupo continua. Quando comecei o time era de mais coroas, muitos coroas. Aí eles foram parando, parando, e a rapaziada foi chegando. É um amigo que traz um conhecido, aí a gente gosta dele, ele fica.” (Inf. G) 48 anos

"Quando eu cheguei aqui, há muito tempo atrás, já tinha uns caras que jogavam. Quando eu cheguei o grupo já estava formado. Hoje só tem alguns caras daquele tempo.” (Inf. E) 32 anos

Pareceu-nos que essa questão histórica relativa ao tempo de início do grupo não se apresenta como significativa para eles, em termos de lazer.

A composição do grupo não obedece a nenhuma especificação rígida quanto à idade, pois, como já foi indicado a equipe em questão tem jogadores com idade entre 16 e 53 anos. Segundo um dos informantes, a equipe é composta por aproximadamente 30 pessoas, algumas mais assíduas que outras. Para resolver o problema criado pelo número de participantes, foi elaborada uma escala para determinar quem irá jogar a cada dia, evitando desta forma o excesso de pessoas que poderiam se apresentar para cada jogo.

A dinâmica do jogo obedece às especificações das regras oficiais, com alguns ajustes que objetivam favorecer a prática e a participação de maior número de integrantes. Nos jogos amistosos não há limite de substituições e, inclusive, algumas vezes o indivíduo que foi substituído pode retornar ao jogo. Em alguns torneios o

número de substituições também é livre, mas o indivíduo que foi substituído não pode retornar.

A regra do arremesso lateral, pode ser cumprida como está na regra oficial, ou ser adaptada, dependendo do interesse dos participantes e em função da característica do jogo.

A utilização de arbitragem também depende da característica da partida. Em geral, quando o jogo é marcado antecipadamente, utiliza-se o juiz, que na maioria das vezes é escolhido ali mesmo, dentre os jogadores que estão presentes e que eles já conhecem. Sendo jogo de torneio ou de competição, utilizam-se ainda dois auxiliares na função de bandeirinha.

Quando é “pelada”, não se marca a lei do impedimento. Esta é a regra que proporciona as maiores polêmicas no jogo. Assim, para não inviabilizar a dinâmica dos encontros devido à subjetividade de sua aplicação, optam por ignorá-la, uma vez que o ângulo e o distanciamento dos praticantes são distintos, o que dificulta chegarem a um consenso quanto ao posicionamento dos jogadores.

O MERGULHO NA REALIDADE

Este capítulo busca analisar e interpretar os conteúdos dos discursos dos praticantes de futebol “pelada”.

Após a transcrição das entrevistas, e aliando-as aos dados obtidos nos registros de campo e nas observações diretas, percebemos que, dentre os vários temas surgidos, alguns se mostraram recorrentes. Considerando que o tema central deste trabalho é o contrato lúdico, e seu objetivo central é saber como as pessoas controem e/ou

concretizam tal contrato na prática do futebol lazer, a análise dos dados foi centrada sobre três categorias que se destacaram como de maior importância nos discursos dos entrevistados: gosto pela atividade, a sociabilidade e o modo de organização.

Gosto pela Atividade

O gosto pela atividade, apareceu de uma forma intensa em todas as entrevistas. Indiferente do grupo a que pertenciam os informantes, estes, de uma forma quase que geral, demonstraram ser o gosto pelo futebol o principal elo com a prática do futebol lazer.

Os temas que deram origem a esta categoria se relacionam ao interesse e à percepção da pessoa, e ao fator cultural do futebol na sociedade brasileira. Segundo Neves (1979), apesar da “liberdade” de escolha quanto à inserção no meio futebolístico, em geral a vinculação está condicionada pela interferência da parentela ou dos integrantes do grupo de cada um.

Quando foram solicitados a dizer o que os levava àquela prática, os entrevistados apontaram uma relação filial, onde o gosto adveio de herança familiar. Os pais formavam o hábito passando-o para os filhos, como se fosse um “código genético”. Tanto no grupo fechado quanto no semifechado e no semi-aberto os informantes demonstraram estar engajados nesta prática por tradição cultural e/ou influência familiar, onde os pais, por praticarem futebol, por torcerem por alguma equipe, ou gostarem de futebol, conduziram desde cedo seus filhos aos campos. Isto é exemplificado nos recortes a seguir:

“Pai é que fez a gente ter essa vontade de jogar.” (Inf. A)

“Meu pai, esse sim, é que ficava incentivando. Ele não jogava, mas gostava muito.” (Inf. C)

“Acho que meu interesse pelo futebol começou mesmo antes de eu nascer. Meu velho jogava muito (...). Quando eu era molequinho ainda, eu lembro dele levando a gente pra ver ele jogar.” (Inf. N)

A tradição familiar quanto ao futebol é fator determinante na cultura brasileira. Costa e Tubino (1995), ao tratarem da prática de futebol como lazer na praia, afirmam que tal tradição “ultrapassa o sentido de sociabilidade, temperado com o gosto, os espírito de aventura e jovialidade. Esse modo de viver a vida parece constituir um valor da atualidade, um reforço cultural” (p.7).

Em algumas falas, os informantes caracterizaram esta influência cultural entre o futebol e a sociedade brasileira:

“O brasileiro já nasce gostando [de futebol]. Quem é que não gosta? É difícil achar alguém que não gosta, não é mesmo?” (Inf. K)

“Isso foi quando eu era menino ainda. Aqui no Rio todo mundo tem um time. Eu sou botafoguense, eu e minha família toda. Tinha vez que nós íamos todos para o Maracanã.” (Inf. B)

Há uma tendenciosa concepção social de que o brasileiro já nasce gostando de futebol. Desta forma, desde criança o sujeito é impulsionado, conduzido a refletir esta concepção. Em geral, como já dissemos, o indivíduo é conduzido por familiares e/ou grupo social (amigos, colegas) a filiar-se a (torcer por) um determinado clube, mas pode se rebelar e escolher outro clube. Esta é uma situação bastante comum – é o indivíduo

que determina sua liberdade de expressão no campo do lazer esportivo, embora seja freqüente a tentativa de interferência do grupo de origem. Tudo isso por um ato de vontade e sem penalização. O mito da liberdade se associa ao do sujeito na representação da mobilidade absoluta e da liberdade individual.

O gosto foi ainda bastante evidenciado como objetivo determinante no engajamento do sujeito na prática. Nos três grupos, indiferente da condição do jogo ser mais formal ou mais informal, é o gosto que caracteriza inicialmente a adesão das pessoas:

“Eu gosto muito de jogar futebol, e aqui eu posso fazer isso.” (Inf. B)

“Eu gosto de jogar, gosto de ver, gosto de discutir futebol.” (Inf. F)

“Minha mulher fala que é muito tempo perdido. Só quem não gosta de jogar ou nunca jogou é que fala que é tempo perdido. Sempre me deu prazer jogar futebol.” (Inf. G)

Conforme podemos lembrar, Lovisolo (1996) aponta o gosto como uma das razões para nossas ações. Gostando, o sujeito se vê motivado a aderir. O sujeito tende a fazer aquilo que gosta, especificamente nos seus momentos de lazer, onde tem, e quando tem, a liberdade de opção, de autocriação e criatividade.

Quando foram solicitados a dizer o que gostariam de ver, caso estivessem ali somente para assistir os jogos, em nenhum dos três grupos os informantes demonstraram inicialmente interesse por isso. Nas suas primeiras falas, manifestaram só dar valor à atuação prática:

“Eu gosto mesmo é de jogar.” (Inf. M)

“Eu não gosto de ficar vendo.” (Inf. D)

“Eu não venho aqui pra ver esses caras maltratar a bola.” (Inf. G)

Há uma dimensão pessoal nessa opção. O sentido imprimido à ação de jogar (e não de assistir ao jogo) é que se constitui em fundamento para o encontro coletivo.

A interpretação global de seus discursos, todavia, evidenciou que as respostas iniciais, negando a presença na condição de espectador, são equivocadas, comprometidas pela seqüência de suas falas, onde demonstraram interesse pela assistência aos jogos. Porém, parece que neste caso o gosto está relacionado diretamente à performance do jogo. O assistente observa o jogo pela ótica do esporte de rendimento, supervalorizando a técnica e os efeitos por ela provocados:

“Mas é gostoso ver o pessoal dando dribles daqueles que o outro fica caído na grama. Tem gol que o pessoal faz que é muito bonito, parece até profissional, daqueles que a gente só vê nos grandes clássicos.” (Inf. A)

“Eu gosto de ver o futebol bem jogado. O futebol limpo, de toque de bola. Um futebol bem disputado. Mesmo não tendo grama, tem muitos jogadores aqui que têm muita habilidade; é bonito ver jogar.” (Inf. E)

“Gosto de ver é gol. Gols bonitos, gols de jogadas bem feitas.” (Inf. J)

“Ver as jogadas bonitas, ver os gols bonitos... acho que todo mundo gosta de ver é isso... ninguém quer ver uma pelada ruim.” (Inf. D).

Um outro informante demonstrou que as jogadas feias também são interessantes, uma vez que elas causam uma descontração através dos risos e

gargalhadas, fazendo o ambiente ficar ainda mais alegre, demonstrando que a expectativa está atrelada à função do divertimento.

“Aqueles chutes mascados¹⁶, aqueles lances errados, também fazem o pessoal se divertir. Quando alguém leva um drible, um olé bem feito, o pessoal todo goza o cara. Isso é legal de ver. Até o pessoal do mesmo time sacaneia o cara.” (Inf. B)

A preocupação com a performance foi evidenciada ainda nas observações diretas, onde os participantes do jogo e assistentes (torcedores) demonstravam a todo instante que queriam que os companheiros jogassem bem. Expressões tais como “humilha ele”, “detona”, “mata a jogada” se relacionavam à intenção de ver um jogo técnico, um jogo aguerrido.

Para Elias e Danning (1992), é fácil perceber como as instruções e ações do lazer se estruturam para promover excitações agradáveis em combinação com a escolha individual. Segundo eles,

muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar de alguma forma o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos. (p.237)

Os autores colocam ainda que o excitamento é o condimento de todas as satisfações próprias do divertimento, pois muitos desejos e pulsões reprimidos diariamente têm espaço de surgimento nas atividades lúdicas. Entretanto, a excitação

¹⁶ Chute mascado é o chute onde a trajetória pretendida e a potência não são alcançadas, ou seja, não é atingido o objetivo esperado pelo executante.

no ambiente de lazer deve ser parcialmente controlada, ou seja, deve haver um autocontrole, para que não se torne uma ameaça nem para o próprio indivíduo, nem para os outros, companheiros e adversários.

Nos jogos observados o gosto também esteve aliado a questões utilitárias e funcionalistas. Conforme diz Lovisolo (1996), a utilidade também é uma das motivações de nossas ações. Por questões utilitárias podemos nos envolver em determinadas ações e ter naquela união uma fusão de interesses. Em todos os grupos foram percebidos outros interesses, aliados à intencionalidade pessoal. Os informantes, ao responderem à questão sobre o que o futebol representava para eles, apontaram característica utilitarista vinculada ao gosto pela prática do futebol. As respostas vinculavam a prática do jogo ao lazer, ao bem-estar, à higiene mental, à satisfação, ao hábito, à atividade física.

“Isso aqui me faz muito bem. Eu me sinto muito bem de tá aqui jogando futebol.” (Inf. B)

“Não sei se todo mundo pensa como eu, mas isso aqui é uma ótima terapia. Eu chego aqui e esqueço de tudo. Eu só venho aqui para me divertir.” (Inf. C)

“O futebol é para mim uma fonte de grande satisfação. É o maior vício que tenho, meu maior vício. Sem futebol eu acho que fico doente.” (Inf. G)

“Eu enfrento o trabalho sabendo que daqui a pouco vou estar aqui jogando com a rapaziada. É isso que faz o trabalho não ser tão estressante... saber que em pouco tempo você está livre para fazer o que dá prazer.” (Inf. H)

“Isso aqui é a minha diversão. É a diversão dos meus dias. Aqui, jogando, na hora que estou jogando, eu esqueço as preocupações.” (Inf. K)

Para uns, o jogo é sinônimo de ganhar, de vantagem, de enfrentamento, de

vitória sobre o outro; para outros, é sinônimo de prazer ou ainda de outras possibilidades utilitaristas.

Embora possamos identificar utilidades diferenciadas nas falas dos informantes, percebeu-se uma vinculação mais direta com o lazer. As palavras divertir, satisfação e prazer são marcantes nos discursos.

Entretanto, tais percepções pareceram secundárias em relação à prática do jogo, nos três grupos, onde os participantes colocam que o motivo de tudo aquilo que acontece ali, é o jogo em si.

Embora as mesmas percepções também sejam predominantes no grupo semifechado, alguns participantes deste grupo apontaram outros fatores como condutores de sua ligação com jogo. Mesmo destacando a importância do gosto, admitem e afirmam que a atividade física complementar é preponderante no elo com a prática.

Também nas falas abaixo podemos perceber a utilidade vinculada ao jogo. Os informantes (o primeiro do grupo semi-aberto e o outro, integrante do grupo fechado) aliam o gosto pela prática do futebol ao gosto de fazer ginástica. Enquanto esperam para jogar, aproveitam o tempo para fazer ginástica.

“Enquanto jogo tô fazendo uma atividade física diferente da academia que eu faço durante a semana. Eu gosto muito de fazer exercício. Aqui a gente corre e melhora o condicionamento físico.” (Inf. L)

“Eu gosto também de fazer ginástica, e aqui, enquanto espero para jogar, eu fico fazendo um monte de exercício. Faço de tudo um pouco, porque eu gosto de ficar em forma, não quero ficar molengão como um monte de caras aí.” (Inf. E)

Existe uma predisposição geral à manutenção da jovialidade corporal. Desta forma, enquanto não está jogando o sujeito busca exercitar-se, atendendo ao apelo social de manutenção e aprimoramento da constituição física. Heinemann (1989), alerta para o fato de que cada vez mais a aspiração por saúde, bem-estar e integridade física ganham importância na sociedade.

Neste instante temos que salientar uma tendência hegemônica de reprodução de discurso, comum entre a população que recebe a informação na maioria das vezes fragmentada e/ou de forma enviesada. Os participantes entrevistados podem estar acompanhando uma tendência lógica e forjada de discurso, produzido através dos tempos e reforçado pela mídia. Exemplificamos nossa hipótese com as falas abaixo:

“Não sei se todo mundo aqui pensa como eu, mas isso aqui é uma ótima terapia. Eu chego aqui e esqueço tudo. Eu só venho aqui para divertir, se eu não estou bem, eu não venho.” (Inf. E)

“Para mim, isso aqui é uma higiene mental, me faz muito bem, mas eu só venho quando estou com o astral alto.” (Inf. M)

Para um informante o futebol representa uma possibilidade terapêutica, para outro uma higiene mental; entretanto, ao analisarmos suas falas, percebe-se uma incoerência entre os efeitos que ele determinaria nos encontros e a real atitude dos informantes, uma vez que eles não se utilizam dos encontros para fazer valer o que afirmam ser possível através dos jogos. Se é terapia, higiene mental, por que eles não vêm quando não estão bem, ou de “baixo astral”?

Desta forma, percebe-se uma naturalidade de reprodução de um discurso já cristalizado. Parece existir uma predisposição em copiar e repetir uma idéia que já foi

vinculada como verdadeira. A relação do futebol lazer com a terapia reforça esta nossa percepção.

Sociabilidade

Embora o futebol seja o ponto de convergência dos encontros, a necessidade e o prazer de estar com os outros indivíduos colocam a sociabilidade como uma categoria importante nos interesses demonstrados pelos entrevistados.

Para Simmel (1983), a sociabilidade é a forma que as pessoas buscam para satisfazer seus próprios interesses, quer sejam temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes. São tais interesses que formam a base das sociedades humanas. Todas as associações se caracterizam, pelo sentimento existente entre seus membros, de estarem associados, e pela satisfação derivada do interesse e necessidade.

Para o autor, a sociabilidade cria um mundo artificial, onde se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se “faz de conta” que cada um é reverenciado em particular.

Para Elias e Dunning (1992) a sociabilidade desempenha um papel básico na maioria das atividades de lazer. Um elemento do prazer é o sentimento agradável vivido através da companhia de outras pessoas, com as quais não se tem qualquer obrigação ou dever. Trata-se de um envolvimento voluntário.

Lever (1983) coloca que “a participação ativa no mundo do futebol (e a igreja) parecem ser caminhos alternativos para vincular os indivíduos à sua comunidade” (p.143). Parecem existir outros fatores socializantes que surgem desta modalidade,

ocasionando diferentes quadros nas relações sociais.

Entretanto, através da observação direta e nas entrevistas percebeu-se que as pessoas reagem de formas distintas quanto à relação grupal. Enquanto para uns o relacionamento durante a preparação do jogo é bastante intenso, para outros só há cumplicidade durante os jogos: não estando jogando, não se envolve com outros participantes.

Nos grupos fechados e semifechados existem fortes indícios de uma relação extrajogo. Os participantes interagem demonstrando maior intimidade na forma de ação perante os outros integrantes do grupo. Existem marcas desta intimidade no jeito de falarem entre si:

“ A gente começa a conviver com o cara e daí a pouco se torna amigo. Esse espaço é muito importante no meu dia-a-dia.” (Inf. H)

“Aqui é que a gente encontra todos. Joga bola e combina o que fazer no final de semana.” (Inf. J)

No grupo semifechado onde os integrantes em geral são jovens com faixas etárias próximas, esta percepção se faz ainda mais clara. Lembramos aqui que eles disseram ser amigos de infância. Pela características dos locais onde jogam, campos improvisados, não é comum a presença de pessoas estranhas¹⁷; todavia, algumas meninas e rapazes comparecem aos jogos, demonstrando vínculos efetivos com os integrantes do jogo.

Já no grupo semi-aberto a afetividade social é discreta, os integrantes se

¹⁷ Refiro-me aqui a pessoas estranhas como aquelas que não jogam nas equipes.

relacionam com cautela, as críticas, as gozações, quando realizadas, ocorrem de forma inibida e/ou ainda isolada. Ou seja, os jogadores que já se conhecem admitem e absorvem mais este contato de relacionamento. A quase constante modificação de parceiros parece não favorecer o aparecimento de vínculos afetivos, fora aqueles despertados durante a atividade. É comum ver nos intervalos dos jogos, ou quando esperam para jogar, pequenos aglomerados formados por pessoas que já apresentavam um conhecimento prévio, em geral advindos de outros grupos. Os outros participantes, na maioria das vezes, se limitam a ficar fazendo exercícios de ginástica, ou realizando domínio de bola.

No grupo fechado, dado o fato de jogarem num campo determinado, por eles entendidos como um “campo oficial” e também devido ao número de espectadores que ficam à margem do campo, os jogadores, antes do jogo e durante os intervalos, se relacionam freqüentemente com as pessoas que ficam assistindo o jogo. Os torcedores ali presentes interagem, inclusive durante as partidas, sugerindo jogadas, posicionamento dos jogadores, reclamando dos árbitros, incentivando o time. Há uma reciprocidade quando a equipe faz um gol, e em geral os jogadores vêm comemorar com os torcedores.

As observações acima nos remetem a uma conclusão interessante: embora o grupo semi-aberto apresente uma característica de maior liberdade, uma vez que o jogo acontece com menos formalidade, é nos grupos semifechado e fechado, onde a formalidade do encontro é mais determinante, que as pessoas apresentam uma relação afetivo-social mais ancorada. As relações de liberdade pessoal são mais intensificadas dentro dos grupos mais formalizados.

O que irá determinar a integração das pessoas em um destes grupos ? As falas

abaixo apontam indícios das relações que ocasionam a integração das pessoas nos grupos. A pessoa busca praticar o jogo onde estiver mais propício para suas realizações de sociabilidade, especialmente nos grupos fechados e semifechados. Nas respostas quanto à formação do grupo, os informantes destes dois grupos demonstraram essa tendência afetiva:

“O pessoal já é um amigo de muito tempo.” (Inf. E)

“Tem gente aí que é amigo de infância, e estudamos no mesmo colégio.” (Inf. F)

“Alguns a gente se conhecia lá do campo do Hotel Glória, mas outros foram aparecendo. Acaba que a gente começa a ficar amigo do pessoal, de alguns mais, de outros um pouco só. Tem uns que a gente fica tão chegado que acaba marcando programas juntos. Feijoada, pagode, uma cervejinha etc. Isso é que é legal!” (Inf. I)

“É a oportunidade de conhecer pessoas diferentes, de encontrar com amigos, de brincar.” (Inf. M)

Em uma das entrevistas, quando perguntado sobre a opção de jogar nos campos já determinados ou nos gramados do Aterro, o informante se manifestou assim:

“Eu prefiro onde estiver o maior número de conhecidos.”
(Inf. C)

A sociabilidade promove vínculos entre as pessoas, o que lhes garante segurança e satisfação em particular. Aderindo a outros, o sujeito promove cumplicidades para as suas realizações.

Para Simmel (1983), a sociabilidade pode criar um mundo sociológico ideal,

onde o prazer do sujeito está atrelado ao prazer dos companheiros.

Mandeville, (citado por Paim, 1984), coloca a sociabilidade como uma manifestação da vaidade. Segundo ele,

é certo que o homem gosta de companhia, mas tal se dá do mesmo modo como aprecia inúmeras outras coisas para o deleite pessoal. Ao buscar associar-se a outros homens, quer em primeiro lugar confirmar a alta opinião que tem de si mesmo; e, além disto, se pode propiciar prazer aos outros, espera ser em troca lisonjeado. (p.77)

Na realidade, o indivíduo, ao buscar a associação a outro indivíduo, se qualifica para poder mostrar-se, e só há sentido neste ato se houver cumplicidades, se houver outros dispostos a dar-lhe *atenção*.

Ao questionarmos o porquê de sua atuação naquele grupo, alguns informantes do grupo semifechado disseram que é a relação afetiva um dos motivos que justifica a sua permanência naquele grupo:

“Isso aqui é legal, porque a gente joga e encontra os amigos que não dá pra ver todo dia.” (Inf.B)

“A gente vem pra cá no final de tarde e encontra todo mundo. Aqui a gente se diverte e joga futebol. Tem uns que a gente só vê mesmo no final de semana... Aí, aqui é que a gente encontra todos. Joga bola e combina o que fazer no final de semana.” (Inf. J)

“(...) se eu fosse me preocupar exclusivamente com a prática, a cada dia, participaria em um local distinto.” (Inf. H)

Este grupo, conforme já relacionamos, é composto por amigos de rua, de escola, que tiveram uma vida infantil em comum.

Quando os informantes foram solicitados a responder sobre a participação de faixas etárias diferentes, nos grupos fechado e semi-aberto não pareceu haver obstáculo quanto à possibilidade de interação e convívio entre as distintas idades. O obstáculo é não possuir vínculo com qualquer pessoa do grupo. Nesses mesmos grupos, quando perguntamos aos mais jovens sobre a união das faixas etárias, obtivemos as seguintes respostas:

“Eles são amigos do pessoal há muito tempo. Eles são gente boa, e todo mundo gosta deles. Jogam numa boa e não perturbam ninguém. Eles são tranquilos e não chateiam ninguém.” (Inf. D)

“Se eu tenho direito, eles também têm. Pra mim não faz diferença. Eles não me atrapalham em nada. Desde que eles fiquem na deles, não tem problema algum. Os coroas são tranquilos e alegam o ambiente. Pra mim, não há problema deles jogarem.” (Inf. H)

“Mas tem alguns que jogam direitinho. Têm muita ginga e não é qualquer um que passa por eles, não. Tem outros que jogam na experiência. Acho que eles não atrapalham, não. Pra mim, não.” (Inf. K)

Entretanto, para os informantes do grupo semifechado tal união não tem aceitação. Eles justificam a não presença de pessoas idosas devido à possibilidade de interferirem na liberdade, que eles caracterizam como determinante no grupo:

“Aqui, não; velho, não. Aqui só tem gente jovem”. (Inf. J)

“Aqui só joga a galera, não pode jogar ninguém que vai atrapalhar os nossos encontros. São muito devagar.” (Inf. O)

Para alguns informantes do grupo fechado, os mais idosos representam uma possibilidade de vantagem na relação, tanto prática quanto organizacional. Elogiam a

prestabilidade dos mais velhos e o respeito que eles recebem dos outros participantes.

Um dos informantes do grupo aberto declarou o seguinte:

“É até gostoso, porque quando eles estão marcando fica mais fácil você fazer as jogadas, que eles não conseguem acompanhar. Todo mundo tira vantagem em cima deles. Sabe como é, eles não correm, aí a gente aproveita”.(Inf. K)

Para os mais idosos, a união com os mais jovens é vista com boa aceitação, uma vez que para alguns há um fator de vantagem nesta fusão:

“Nós já não conseguimos correr mais. São os meninos que dão o ritmo do jogo. São eles que correm pra gente. É o pulmão deles que segura o jogo. Nós só damos a experiência.” (Inf. C)

Perguntado sobre a possibilidade de prática só entre pessoas de idades semelhantes, ele respondeu:

“Acho que não. O legal é estar tudo misturado. Se ficassem só os mais velhos, só nós, não haveria tanto tempo de jogo, e mesmo que houvesse não teria a mesma disposição, seria monótono. É a mistura que faz ficar interessante.” (Inf. C)

Ao ser colocada a questão do comprometimento da habilidade, devido às limitações físicas provenientes da idade, um deles ponderou:

“... no futebol a habilidade não depende tanto da idade. Nem sempre os mais novos são os mais habilidosos. Acho que o fato de ser mais velho pode atrapalhar, mas não é

tanto assim. Aqui entre nós, eu acho que isso não tem problema. Você vê o futebol de areia... Júnior, Cláudio Adão, Paulo Sérgio¹⁸, são mais velhos que a maioria dos jogadores, mas ainda são os melhores. Não acho que deveria separar por idade não. É bom essa mistura de idade. O jogo fica mais interessante, mais alegre.” (Inf. G)

Conforme podemos perceber, nos três grupos os integrantes demonstraram que a sociabilidade é um ponto central nos encontros. Entretanto, para alguns deles, especificamente no grupo semifechado, não há abertura para a participação de pessoas mais idosas, comportamento eles justificam alegando que não aceitam interferência na liberdade que eles julgam ocorrer nos seus encontros e que valorizam.

Nos grupos fechado e semifechado também ficou evidente a rejeição de pessoas estranhas. Parece contraditório que as relações afetivas tenham maior alcance nos grupos fechado e semifechado, uma vez que o jogo ocorrido no grupo semi-aberto é mais livre, menos atrelado às formalidades das regras oficiais e da organização.

Modos de Organização

Os modos de organização de um grupo revelam suas estruturas internas de poder, de coesão, de harmonia, de convivência, onde os participantes de cada grupo se integram tendo pontos comuns para o desenvolvimento das suas intenções práticas. Cada grupo apóia-se em determinados comportamentos que os caracterizam distintamente dos outros.

Nesta categoria encontramos maior diversidade de estruturas entre os

¹⁸ - Jogadores veteranos que jogam na Seleção Brasileira de Beach Soccer.

diferentes grupos. Foi também onde apareceram explicitamente os indicativos contratuais de convivência – onde os grupos determinam os aspectos preponderantes quanto à sua forma de relacionamento.

O gerenciamento de cada grupo é condicionado à estrutura prática de suas ações. O grupo semi-aberto, onde o jogo acontece somente sob a forma de “pelada”, é fundamentado numa organização desprendida da formalidade da regra oficial, embora seja esta a referência geral para a implementação das regras adotadas pela convenção do grupo.

O grupo semi-fechado, embora tenha demonstrado preferência pelo jogo livre, sem formalidade, em forma de “pelada”, como conduta da prática, também manifestou outras formas de organização, tais como torneios e campeonatos, embora isso não ocorra freqüentemente.

Já no grupo fechado o jogo ocorre atendendo a vários sistemas organizacionais. Praticam a “pelada” (somente entre os integrantes) e participam de jogos amistosos, torneios e campeonatos. No entanto, demonstraram inicialmente uma predisposição para o jogo mais próximo ao modelo institucionalizado, ou seja, jogos onde as regras oficiais apresentam um grau elevado de abrangência.

Portanto, nos três grupos há uma tendência geral para respeitar as regras oficiais do futebol. Tal respeito às regras oficiais parece desencadear nos praticantes a criação de fantasias quanto à sua participação, atreladas aos comportamentos de jogadores profissionais do futebol brasileiro, denotando a identidade com o esporte.

Razões circunstanciais levam a ajustes nas regras, visando o favorecimento da prática. As regras são adaptadas, dando origem a novas possibilidades de realização. Desta forma ocorre a instauração de um novo contrato social, pois fatos que não são

permitidos pelas regras oficiais passam a ser adotados por convenção. Parlebas (1988) refere-se à instauração de um microcontrato social que, ao adaptar as estruturas do jogo, responde ao interesse dos jogadores. O autor refere-se ainda a um sistema de obrigações livremente acertadas, o que ocorre implicitamente.

Este contrato não ignora completamente a formalidade geral das regras, mas possibilita a intervenção dos praticantes no jogo diferentemente do que ocorre nos jogos oficiais. Ou seja, as regras são aplicadas de forma mais lúdica, sugerindo aspectos mais democráticos ao contrato que, segundo Rousseau (1963) é um verdadeiro fundamento da sociedade. Apesar deste contrato ampliar as possibilidades, ele também busca coibir os desajustes, aquilo que Parlebas(1988) chama de efeitos perversos, suprimindo “as conseqüências indesejáveis das decisões mal ajustadas” (p.100). O contrato se apresenta como um controle mútuo para gerar uma convivência harmoniosa e produtiva. Todos, no futebol, ajustam suas condutas com a aspiração de que sua equipe venha a realizar grandes jogadas culminando em gols. Nem sempre a aceitação destes ajustes é harmoniosa, pois o indivíduo, quando se vê prejudicado ou quer obter uma vantagem momentânea, constantemente renegocia este contrato, dando a este uma flexibilidade tendenciosa. Isto pode ser observado na fala abaixo, quando um informante relatou que um dia, quando chegou ao campo e percebeu que havia mais de duas equipes esperando para entrar no jogo, e que por esse motivo deveria esperar muito tempo, sugeriu uma mudança no contrato:

“Teve uma vez que a gente combinou que quando o jogo terminasse empatado e tivesse mais de dois times de fora, os dois times saíam.” (Inf. A)

Outro informante afirmou:

“Se a maioria decidir está decidido”. (Inf. B)

O fato de ser acatada a decisão da maioria não significa que isto é sempre o mais adequado. Evidencia somente que estes grupos (semi-aberto e semifechado) adotam como base do seu contrato lúdico a decisão da maioria, concedendo-lhe poder e reconhecendo-lhe autoridade. Esta autoridade está relacionada a uma força moral assimilada pelo grupo. Paim (1984) refere-se à moral como um freio restaurador do equilíbrio. No caso, ela se funda no regulamento lúdico, na instauração de um código que favorece e ao mesmo tempo limita os comportamentos dos participantes.

Outra situação referente à flexibilidade do contrato foi relacionada à importância da pessoa no grupo. Cada integrante pode apresentar valores e comprometimentos distintos e, dependendo de quem sugere a mudança, ela até pode ocorrer:

“Tem os que não são tão encrenqueiros, e geralmente eles são mais respeitados.” (Inf. A)

Quanto à figura do líder, ela pôde ser percebida nas observações registradas no diário de campo e em algumas falas, especialmente no grupo fechado. Estes líderes têm a aceitação do grupo, podendo sugerir e executar mudança no contrato. Neles a autoridade é reconhecida. Em geral tais pessoas são aquelas que apresentam um bom poder de argumentação e conseguem envolver os demais participantes com as suas idéias.

“É que eu ajudo a melhorar.(...) O pessoal pede para eu organizar, porque eu jogo sempre e já fui professor de

uma escolinha aqui, aí o pessoal pede que eu organize o time, entendeu? Deve ser porque eu já trabalhei com o futebol, aí o pessoal acha que eu sei o suficiente para organizar.” (Inf. E)

Também são os líderes que funcionam como legalizadores do contrato, pois quando ocorre discordância que gera grandes impasses, tais como: se foi falta ou não, se a bola foi fora ou se continua em jogo, se existe alguém que não se enquadra, eles surgem como mediadores e reorganizadores da ordem na prática esportiva, desencadeando as sanções. São eles que dão suporte à atuação do grupo. Atuam como responsáveis pelas atitudes coletivas.

“A gente resolveu que ele ia parar de jogar com a gente se ele não mudasse. Tentamos, mas ele só queria confusão mesmo. Aí resolvemos não colocá-lo para jogar mais com a gente.” (Inf. E)

No grupo semifechado, os integrantes disseram que nos jogos de torneios ou campeonatos é adotado um uniforme. Eles compram as camisas especiais para a partida em conjunto, sendo que cada um se responsabiliza pelo pagamento da sua camisa. Terminado o evento, cada um pode ficar com a camisa e fazer dela o que quiser.

No que diz respeito à organização dos jogos, o grupo fechado tem o líder, que é o interventor nos assuntos externos. É ele que marca as partidas (horários e adversários), que formaliza a participação nos eventos (inscrições em torneios e campeonatos), que escala a equipe, que determina que irão jogar, e é ele também que escolhe a arbitragem. Essa liderança é adquirida pelo indivíduo através da sua articulação e disponibilidade para coordenar os encontros. O sujeito tem que atingir a

necessidade e interesse da coletividade, assumindo a responsabilidade de compromissos perante os demais participantes e adversários. Essa interação entre líder e liderados é baseada na reciprocidade, pois ambas as partes têm que se adequar ao mútuo controle. Segundo Simmel (1983), “todo chefe é também chefiado; em muitos casos, o senhor é escravo do seus escravos” (p.111).

Esta subordinação aparentemente unilateral é contrabalançada, dependendo da maleabilidade do líder. Caso ele não seja flexível nas suas determinações corre o risco de ser ignorado e até mesmo ridicularizado perante o grupo. Portanto, é um jogo de favores. Há então uma constante ponderação das atitudes, principalmente por parte do líder. No jogo de futebol lazer, por se tratar de um processo de escolha pessoal, os participantes poderiam se rebelar freqüentemente, mas isso não ocorre, pois eles valorizam a prática em si.

No grupo semifechado não há um líder principal, a cada dia um integrante diferente poderá assumir tal papel; entretanto, esta função é revesada entre poucas pessoas. No grupo semi-aberto, a organização diária fica a critério de quem chegar primeiro, mas geralmente são pessoas que já apresentam alguma relação com outros participantes. Quem chega para jogar pela primeira vez fica esperando que outros assumam a organização.

Em todos os grupos os participantes apontaram a importância do líder, creditando a ele a harmonia, a competência da organização.

“Se não tivesse alguém para fazer isso, seria uma bagunça.” (Inf. H)

“Tem aqueles que têm mais jeito para organizar.” (Inf. F)

“Acho que tem gente que gosta mesmo de organizar as coisas, isso é um dom. Não é qualquer um que consegue. Tem muita gente chata, e ter que organizar esse pessoal é muito complicado. Eu admiro quem consegue.” (Inf. J)

“Cada dia é um que organiza. Aqui, é quem chega primeiro.” (Inf. K)

A autoridade também é manifestada nos jogos em que há a presença de arbitragem, principalmente no grupo fechado. Neste caso, a autoridade do árbitro¹⁹ é formalmente reconhecida. Ele tem poder de decisão nas ações práticas dos jogadores, “favorecendo” e punindo jogadores e equipes, segundo sua interpretação das leis do jogo. Da mesma forma que em competições oficiais, constantemente sua autoridade é colocada em interrogação - principalmente pelo público que presencia os jogos. Os jogadores reconhecem a necessidade das suas ações.

“Aqui nos jogos, quando é campeonato, sempre tem juiz. É ele que controla tudo, senão fica uma bagunça. O juiz marcou, todo mundo aceita, mesmo que não concorde com a marcação dele.” (Inf. H)

Embora em geral lhe reconheçam o poder e a autoridade, presenciei em um jogo a exclusão do árbitro por insatisfação de ambas as equipes. Neste caso houve uma destituição da autoridade: a figura do árbitro, para aqueles jogadores, perdeu sua referência; a autoridade do papel de árbitro deixou de existir quando ele não

¹⁹ A Regra V das leis oficiais do futebol refere-se ao árbitro. O texto trás as seguintes informações:

Sua autoridade e os exercícios dos seus poderes começarão no momento em que ele entrar no campo de jogo.

Seu poder de aplicar penalidades estender-se-á às infrações cometidas durante uma paralisação temporária da partida e quando a bola estiver fora do jogo. Suas decisões em matéria de fato, com relação ao jogo, serão finais, no que concerne ao resultado do jogo. Na letra (H) da regra o árbitro tem o direito de: - expulsar de campo qualquer jogador que, na sua opinião, for culpado de conduta violenta, brutalidade, ou usar de linguagem injuriosa ou grosseira (p.16)

desempenhou sua função dentro da expectativa do grupo. Entretanto, na condição de observador, não percebi ineficiência do árbitro, porém antipatia de ambos os grupos à pessoa que ocupava esta função. Isto ocorre porque, no desenrolar dos encontros, o contrato vinculado ao prazer é objetivado por companheiros e adversários. Todos, independentemente de serem parceiros ou adversários, cooperam para a manutenção da alegria, do prazer.

Outra característica marcante quanto à reestruturação do contrato no que se refere à autoridade está ligada à condição da performance apresentada pelos integrantes. Nos grupos, frente a uma dúvida momentânea, aquele que desenvolve o futebol com maior habilidade tende a ser respeitado nas suas solicitações. Por exemplo, em uma situação em que ele perde a bola e pede que seja marcada uma falta a seu favor, mesmo que possa haver protestos, geralmente sua solicitação tem mais chance de ser atendida. Se o indivíduo não apresenta habilidade, nem sempre ele obtém esse reconhecimento.

Em alguns casos pode ocorrer uma quebra do contrato por imposição e autoritarismo, situação que é mais comum no grupo fechado. Nestas ocasiões, o que vale é a prepotência. Todavia, parece haver ligação também com a representação do sujeito no grupo, uma vez que ele pode apresentar uma força externa, que o grupo já reconhece: liderança, patrocinador, autoridade civil ou militar, entre outros; ou então a um sentimento de “deixar pra lá”, uma vez que o prazer da partida é preponderante.

“Sempre tem um que fala mais alto e esperneia mais, aí o pessoal costuma respeitar.” (Inf. C)

Como característica também marcante, percebeu-se o ajuste do contrato visando o favorecimento e fluência da prática, pois o desenvolvimento do futebol é o

ponto central dos encontros. Para que ele fique harmonioso, os ajustes tendem a ocorrer sem complicações. Em todos os grupo há a predisposição de tornar os jogos cada vez mais atrativos para os integrantes.

Quanto à lógica externa de organização, os grupos apresentam peculiaridades distintas. No grupo semi-aberto não há exigência de equipamento extra à própria condição prática; todavia, para o grupo fechado, há uma formalização no controle de alguns aspectos, tais como: conjunto de camisas²⁰ e presença nos horários estipulados para as partidas.

No grupo fechado, as camisas são distribuídas pelo responsável, que já sabe quem irá jogar naquele dia. Anteriormente havia um acordo interno, segundo o qual cada integrante traria sua camisa; porém, se alguém faltasse prejudicaria toda a equipe, que teria que adaptar outras camisas para o jogo. Tal situação conduziu à busca de uma nova forma de organização, onde as camisas passaram a ser lavadas juntas, ou seja, uma pessoa do grupo passou a desempenhar o papel de responsável por organizá-las antes e após os jogos. Esta função parece ter relação com a função desempenhada pelo roupeiro²¹ do clube de futebol oficial.

“A gente tentou de tudo, até que cada um lavasse sua própria camisa, mas quando o cara não vinha jogar, o time ficava sem camisa, porque o cara não aparecia. Aí, achamos melhor lavar todas juntas em algum lugar. Em lavanderia ficava caro, ninguém queria ajudar a pagar, eu mesmo já tomei muito prejuízo com isso.” (Inf. E)

A forma de aquisição de um dos uniformes do grupo fechado foi através de

²⁰ É a vestimenta apropriada utilizada pelos jogadores. Exceto o goleiro, os demais jogadores utilizam camisas da mesma cor.

²¹ Roupeiro é a pessoa que fica responsável por entregar e receber os uniformes (chuteiras, meias, calções e camisas) para os jogadores. Faz parte da organização da equipe.

rateio financeiro entre os integrantes que pudessem colaborar, e um outro uniforme foi adquirido por doação.

Embora o grupo fechado tenha uma predisposição para seguir a mesma estrutura do jogos institucionalizados, por questões financeiras alguns item não são seguidos referentes ao equipamento dos jogadores. A regra oficial (Regra IV - Equipamento dos jogadores) diz que os jogadores deverão se apresentar para o jogo com camisas numeradas, calções, meias e calçados; no entanto, somente quanto à camisa é que o grupo segue a exigência da regra. Os calções, embora devam ser da mesma cor, podem ser diferentes quanto ao modelo e à marca. As meias também não obedecem a nenhuma especificidade. Na realidade, basta a camisa para facilitar a identidade e a visualização de uns pelos outros durante os jogos.

Quanto à presença nos jogos, especificamente quando o jogo é em campeonato ou torneio, o integrante do grupo fechado que não comparecer na hora estipulada para o encontro, perde o lugar na equipe, podendo até mesmo ser suspenso por alguns jogos.

“Tem que ter responsabilidade, se não chegar na hora que combinamos eu passo a camisa dele para outro. Tem que colaborar, tem que ajudar, se pisar na bola perde o lugar. Tem muita gente que chega cedo. Ninguém quer dar um mole desse.” (Inf. E)

“Tem que chegar aqui na hora que foi marcada, senão não recebe a camisa. Mas quase ninguém chega atrasado agora. Antes a gente ficava esperando o cara chegar... hoje ele já sabe que se atrasar é ele que vai ficar de fora.” (Inf. H)

Segundo Elias (1970), para o poder ser exercido é necessário que se tenha uma certa resistência. Se não houver esta resistência, não há poder. Deve haver uma relação

de dependência entre aquele que determina e o que se submete a ele. Para o autor, o poder coercitivo tem que ser maior de um lado do que do outro.

A camisa é um instrumento de poder perante o grupo. O sujeito que as distribui controla, através delas, quem irá participar dos jogos naquele dia. É ele quem seleciona os jogadores, entregando a camisa somente para os que ele escolher. Assim, este “entregador de camisa” adquire uma importância bastante significativa perante o grupo, controlando a participação dos demais. Entretanto, conforme diz Foucault (1989), o poder em si não existe, o que se pode identificar são relações de poder que, neste caso, é exercido pelo entregador de camisas.

Percebe-se na fala do Informante E acima apresentada, que ele se coloca como responsável para aplicar sanções aos jogadores que não agirem de acordo com o combinado. De fato, ele é um líder e tem a aceitação do grupo para organizar os encontros. Todavia, durante os dias que fiquei observando os jogos, não tive a oportunidade de presenciar situações que demandassem a aplicação de sanções. No momento em que o grupo estava se preparando para o início de uma partida sempre havia um número maior que o necessário de jogadores.

Quanto à formalização do jogo mediante as regras, para cada grupo existem fatores distintos. Nos grupos aberto e semifechado, as regras do arremesso lateral, impedimento, tiro de meta, infrações disciplina e uso de equipamentos são alteradas, atendendo a algumas necessidades ou ainda à dinâmica das partidas.

Nestes grupos, quando a bola ultrapassa as linhas laterais do campo, o arremesso lateral²² poderá ser executado da forma que convier ao repositores da bola em

²² A Regra XV do futebol é que se refere ao arremesso lateral. Tal regra diz o seguinte:

jogo. Portanto, neste caso podemos confirmar o ajuste da regra para atender a uma melhor dinamização da prática. Nenhum participante está interessado em saber como a bola será recolocada em jogo, mas sim que o jogo recomece rapidamente. Devido ao fato de, na maioria das vezes, jogarem em campos sem as marcações laterais e de linha de fundo, podem ocorrer dúvidas quanto à bola estar ou não fora de jogo. Nos campos não marcados, as linhas laterais e de fundo são imaginárias, dependendo da percepção visual dos jogadores. Também ocorre o mesmo quanto à área que limita a possibilidade do goleiro jogar com as mãos.

Quanto ao tiro de meta²³, no jogo de “pelada” não há uma especificação para a sua execução, podendo inclusive ser feito com as mãos pelo goleiro, o que é proibido na regra oficial.

A lei do impedimento²⁴ não tem aplicabilidade, podendo os jogadores se

Quando a bola ultrapassar inteiramente a linha lateral, quer seja por terra, quer pelo alto, será posta novamente em jogo, lançando-a para dentro do campo, do lugar onde tenha saído, em qualquer direção, por um jogador do quadro oposto ao daquele que tocou a bola por último.

O jogador que executar o arremesso lateral, no momento do lançamento deve estar de frente para o campo e com uma parte de cada pé em cima da linha lateral ou fora do campo. O arremessador deverá usar ambas as mãos, executando o lançamento de tal forma que ele venha de trás, passando por cima da cabeça.

Caso seja detectada pelo árbitro alguma irregularidade nesta execução, ele reverterá a execução para a equipe contrária (p.32).

²³ A Regra XVII diz o seguinte:

Quando a bola ultrapassar inteiramente, por terra ou pelo alto, a linha de fundo (com exceção da parte compreendida entre as balizas de meta) após ter sido jogada pela última vez por um jogador do quadro atacante, ela será devolvida ao jogo por um jogador da equipe atacante, com os pés para fora da área de “penalty” de um ponto qualquer situado dentro da metade da área de meta.(p.33)

²⁴ Pela regra do jogo de futebol (Regra XI - Impedimento), o jogador estará impedido se estiver mais próximo da linha de fundo do quadro adversário que a bola, no momento em que esta for jogada para ele, exceto se:

- a) estiver na sua própria metade do campo;
- b) tiver entre ele e a linha de fundo, dois jogadores adversários pelo menos. (Se estiver na mesma linha que o penúltimo deles também é permitido);
- c) a bola tiver sido jogada ou tocada por último, por um adversário;
- d) receber a bola diretamente do tiro de meta, do tiro de canto, do arremesso lateral ou de bola ao chão, dado pelo árbitro (p.23)

colocar em qualquer local do campo, sem que inviabilize sua participação em algumas jogadas. A lei do impedimento é a regra que causa maiores polêmicas no jogo oficial, pois depende de um julgamento rápido pelo árbitro e seus auxiliares, bem como de suas posições enquanto observadores. Para o jogo de “pelada”, o seu cumprimento é desprezado, uma vez que, não havendo arbitragem, sua aplicação ficaria comprometida. Se utilizassem a lei do impedimento haveria muita discussão e constantemente o jogo teria de ser interrompido para resolução dos impasses. Como a dinâmica da “pelada” exige que as discordâncias sejam solucionadas rapidamente, esta regra se torna inviável, uma vez que irá depender do julgamento de várias pessoas, que dificilmente chegariam a um consenso devido a interesses antagônicos entre atacantes e defensores. A não-adoção da regra do impedimento na “pelada” também favorece que o jogo seja jogado com maior liberdade de ação. O contrato admitido, neste caso, favorece à dinâmica de continuidade do jogo.

Nos três grupos, as faltas ocorrem frequentemente, no entanto temos que considerar alguns aspectos contraditórios. Pela regra oficial do jogo de futebol (Regra XII - Infrações e indisciplina)²⁵, muitas faltas ali ocorridas seriam consideradas como antidesportivas, grosseiras, mas, por não haver a presença do árbitro, elas podem ocorrer

²⁵ A Regra XII - Infrações e Indisciplina, refere-se a faltas cometidas intencionalmente, que deverão ser punidas:

- a) dar ou tentar dar pontapés em um adversário;
- b) calçar um adversário, isto é, segurar ou tentar segurá-lo, usando as pernas ou agachando-se na frente ou por trás dele;
- c) saltar (pular) sobre o adversário;
- d) atacar um adversário de maneira violenta ou perigosa;
- e) atacar um adversário por trás, a menos que este esteja obstruindo;
- f) agredir ou tentar agredir um adversário;
- g) segurar um adversário;
- h) empurrar um adversário;
- i) segurar a bola, isto é, carregá-la, golpeá-la, ou impulsioná-la com a mão ou com o braço (exceto o goleiro dentro da sua própria área) (p.24).

e inclusive serem reincidentes, não acarretando nenhum prejuízo para o jogador e a equipe. Em geral, ao perceber que será driblado, o jogador segura o adversário pelo corpo ou pela camisa, ou ainda coloca a mão na bola, evitando o êxito da jogada do adversário.

Tais situações no jogo oficial seriam punidas em um primeiro momento com um cartão amarelo e, em caso de reincidência, com o cartão vermelho, sendo o jogador excluído do jogo. No entanto, há uma cumplicidade entre os jogadores, permitindo a flexibilização das penalidades. É marcada apenas falta contra a equipe do jogador infrator, mesmo que seja dentro da área, quando pelas regras oficiais o certo seria um pênalti.

No jogo “pelada” não observei a utilização de pênalti²⁶. Já está instituído entre os participantes que quando ocorre algo que pela regra oficial seria uma penalidade máxima, será simplesmente cobrada uma falta no local onde ocorreu a irregularidade.

Apesar da ausência de árbitro, não foi percebida a ocorrência de faltas violentas, embora alguns informantes tenham relatado que já haviam presenciado pontapés que resultaram em brigas verbais e físicas. Geralmente os jogadores respeitam a integridade física dos adversários.

Nos grupos aberto e semifechado não há nenhuma exigência de equipamentos específicos, podendo os jogadores jogar descalços, com tênis comuns, ou com calçados especiais para a prática. O uso de camisas é facultativo. Em geral usa-se uma equipe com camisa e outra sem, para facilitar a identificação de parceiros e adversários.

Para o grupo fechado, quando estão praticando a “pelada”, observam-se as

²⁶ Todas as vezes que ocorrer uma falta intencional ou não, cometida por um jogador em sua área defensiva, sua equipe será punida com um tiro penal. A Regra XIV (Penalty), refere-se a um tiro livre, à distância de 9,15 metros da linha de fundo (p.29).

mesmas especificações dos outros grupos, acima descritas, quanto ao arremesso lateral, o tiro de meta, o impedimento, as infrações e indisciplinas (faltas) e ao uso de equipamentos. Entretanto, quando se trata de jogo amistoso, torneio ou campeonato, as regras oficiais do jogo determinam as exigências legais.

O tempo de jogo também é diferenciado em cada grupo. No grupo aberto não há horário marcado para início e término do jogo; entretanto, em função do número de jogadores, podem ocorrer alterações. Não havendo equipes de fora, jogam livremente até quando quiserem. Quando há equipe de fora, já estão determinados os critérios para o tempo do jogo: “10 minutos ou 2 gols” para uma das equipes. Caso o jogo continue empatado, há um sorteio para determinar qual equipe continuará jogando. Embora não haja um contrato escrito, esta especificação já faz parte de um contrato tácito que ocorre nos jogos de “pelada”.

O grupo semifechado segue geralmente as mesmas especificações do grupo aberto, entretanto muitas vezes eles jogam revezando os jogadores de fora (que aguardam o momento de entrada em campo) com os que estão jogando. Acontece inclusive que, após um intervalo, o jogador volta na outra equipe, caracterizando a prática como o principal foco dos encontros. O resultado do jogo neste caso, é colocado como secundário para alguns participantes. A ação em si está centrada no brincar, indiferente de quem é que esteja na sua equipe, mesmo porque como já sabemos, neste grupo há uma afetividade que determinou o engajamento das pessoas no grupo.

Para o grupo fechado, quando se trata de jogo amistoso, torneio ou campeonato, segue-se o que está determinado no regulamento do evento. Nos jogos de “pelada” ocorrem as mesmas situações que acontecem nos grupos semifechado e aberto.

Quanto às regras referentes a número de jogadores (Regra III), duração da

partida (Regra VII) e início da partida (Regra VIII), em nenhum dos três grupos elas são obrigatoriamente cumpridas durante os jogos de “pelada”. Joga-se com o número de pessoas que estiverem interessadas, pelo tempo que quiserem. O jogo é iniciado de várias maneiras (com as mãos ou os pés, pelo goleiro ou jogador, da linha de fundo ou do meio de campo), não havendo a necessidade do pontapé no meio campo, exigência da regra oficial. Após a consignação de um gol por uma das equipes, o jogo é reiniciado de qualquer forma, com as mãos ou pés pelo goleiro, ou com os pés por um outro jogador.

A bola, apesar da sua importância no contexto, não se apresentou como algo determinante nas falas. Para os informantes, basta tê-la. Justificaram apenas que ela deve estar em boa condição para o jogo, não importando a marca do fabricante. O excesso de número de bolas em todos os grupos, faz com que tenham opção de escolha; no entanto, não percebi que isso pudesse ocasionar nenhum contratempo.

O modo de organização caracteriza a estrutura de cada grupo, fazendo com que para uns (semifechado e fechado) a formalidade tenha sentido concreto entre os participantes. A formalidade proporciona a coesão, os integrantes dependem dos outros companheiros para novos encontros, todos devem ser cúmplices para a manutenção do grupo.

Já no grupo semi-aberto não há formalidade aparente extrajogo. As relações se dão e se concretizam somente no instante do jogo, embora não se possa excluir a possibilidade de uma relação afetiva social extrajogo. O compromisso do sujeito limita-se ao tempo que durar a partida. Terminada a partida não há obrigatoriedade de outros encontros.

Parece que os modos de organização surgem como determinantes para o

envolvimento individual. Cada sujeito opta por uma determinada estrutura prática e busca o grupo que dê suporte às suas aspirações. Assim, cada grupo absorve o público que se familiariza e/ou simpatiza com a conduta prática organizacional apresentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise e interpretações das falas dos informantes, chegamos a algumas conclusões quanto à representação social dos praticantes de futebol em seus momentos lúdicos. As representações norteiam o entendimento das verdades cotidianas.

Segundo Jodelet (1995), nós nos formamos nas relações com os outros, partilhando os momentos, apoiados ora na convergência ora no conflito para o compreender, o gerenciar ou o apontar. Para a autora, a representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, tendo um objetivo prático e concorrendo para a construção de uma realidade comum e um conjunto social.

Buscou-se aqui desvendar como o indivíduo entende, representa e concebe o seu ambiente lúdico, partindo do pressuposto de que ele próprio é capaz de identificar e criar discursos que dêem suporte para a análise por diversas áreas do conhecimento científico. Entender o sujeito como fonte direta de informações concorre para evitar o reducionismo acadêmico que por muito tempo ignorou o conhecimento popular, descredenciando as pessoas comuns, leigas, de responderem pelas suas percepções sociais, fornecendo condições para o entendimento das articulações que se instalam nos

microgrupos. Este estudo deu voz às pessoas comuns e construiu suas análises dos fragmentos de suas falas, creditando a elas o direito de responderem por suas ações práticas.

Parti do princípio de que o momento lúdico do sujeito é constituído voluntariamente, sem imposição. O futebol lazer foi o foco da pesquisa, sendo entendido como um dos mais determinantes indícios culturais brasileiro, e também como capaz de proporcionar intensidades de sentimentos pouco comuns no cotidiano. Para Daólio (1992), temos de entendê-lo como um espaço no qual o povo pode dramatizar, vivenciar e atualizar emoções.

Apesar deste estudo ter sido desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro, algumas de suas análises podem ser estendidas a outros grupos que adotam o futebol como principal fonte de lazer.

Diante das transformações ocorridas na sociedade, as atividades de lazer também foram sendo readaptadas para atender à nova dinâmica de grupo, uma vez que tornou-se necessária a regulamentação do nível de autocontrole. No futebol, este autocontrole é que assegura, independente do nível de organização (desde o mais simples até um nível mais elevado), a possibilidade de continuidade da prática. Este autocontrole baseia-se inicialmente na conduta individual, mas também nas regras e nas autoridades constituídas que as colocam em prática.

O futebol conquistou o referencial de lazer, como um espaço aceitável para a liberação das tensões, o que no mundo real do sujeito não é permitido. Assim, o futebol/lazer aparece como um espaço de transgressão da rotina do ritmo diário das pessoas. Naquele instante de lazer há uma tentativa de descomprometimento com as imposições sociais. Segundo Moscovici (1995), o futebol permite recreação entre

cidadãos de vínculos que não são somente políticos, mas passionais, nada sendo mais desolador e perigoso para uma nação do que quando a paixão é esvaziada.

A desrotinização proporcionada pelo lazer leva o sujeito a acreditar, mesmo que por um pequeno instante, ser independente, livre das obrigações convencionais da sociedade. Ele se entrega e se projeta, admitindo a si próprio ser o sujeito mais (ou um dos mais) importante nos encontros. Ele se vê como um núcleo, creditando a si mais importância do que aos demais companheiros.

A prática do futebol lazer se destaca como elemento de coesão de pessoas com intencionalidades e subjetividades distintas. Situa-se dentro de uma perspectiva flexível de possibilidades, assegurando para o indivíduo a opção entre a formalidade rígida e a informalidade do jogo. Para Defrance (1995), o futebol lazer permite a expressão de muitos tipos de hábitos. É um espaço de fácil acesso, em relação a outros ambientes esportivos, uma vez que os implementos utilizados para a prática são baratos.

Mesmo tratando-se de futebol enquanto prática de lazer, pode-se observar diferentes níveis de organização, e parece que em todos eles há uma forte tendência para a proximidade com o esporte moderno, dentro dos moldes já institucionalizados, tendo nas regras do jogo a principal formalização.

Apesar de se constituir em momento de lazer, a orientação esportiva que foi caracterizada nesta pesquisa está voltada determinantemente para o resultado, independente do nível de organização do esporte, onde os praticantes apresentam uma tendência competitiva, não só para com os adversários, mas também para com os próprios companheiros. Parece existir uma necessidade de valorização pessoal. Em muitos casos, o prazer não está vinculado apenas à vitória da equipe, mas também ao fato do indivíduo se apresentar bem. Aliás, o tempo dedicado ao lazer é o tempo em

que as pessoas exercitam suas melhores habilidades, fortalecendo o autoconceito e suscitando a admiração dos outros.

A concepção do futebol em nossa sociedade está atrelada a instâncias socioculturais, tais como: família, grupo de convívio, igreja, escola etc. A influência do meio social conduz o sujeito a ter com o futebol um intenso vínculo, adotando-o como referencial para as suas emoções cotidianas.

Embora as análises de diversos autores conduzam ao entendimento do futebol como um momento lúdico, aqui o percebemos e o concebemos extrapolando esta perspectiva temporal, ou seja, apoiando-se nas influências sociais que o margeiam. O convívio, as relações afetivas, o gosto refletem uma dinâmica social que ultrapassa a simples estrutura visível da prática momentânea.

A estruturação de um momento lúdico está relacionada inicialmente às pretensões e interesses individuais. Cada indivíduo escolhe a atividade e a forma de atuação que lhe for conveniente.

Ao nos referirmos ao binômio futebol-lazer e suas possibilidades de alcance no meio social, precisamos estabelecer os paralelos que permeiam esta união: o gosto, a sociabilidade e o modo de organização. Estas três categorias dimensionam a busca do sujeito pelo grupo de convivência.

O gosto pela atividade, a sociabilidade e o modo de organização desempenham um papel preponderante na escolha do grupo onde o sujeito desenvolve suas ações práticas. Enquanto para alguns o gosto é determinante na sua vinculação ao jogo, para outros a sociabilidade ou a estrutura organizacional do grupo são os motivos desencadeadores desta vinculação.

O gosto, que é individual e se baseia principalmente no interesse pessoal,

predispõe o sujeito a vincular-se àquilo que lhe faz bem, que lhe dá prazer, ou ainda àquilo que ele acredita desempenhar satisfatoriamente (dentro da sua percepção, que muitas vezes pode não corresponder à visão de outros).

O ambiente esportivo-lúdico tornou-se um local simbólico de convivência sociais, onde cada indivíduo altera sua representação de acordo com o seu interesse. Esse interesse é individual, dando ao sujeito a concepção de “ser independente”. Todavia, esta independência torna-se falsa, pois o sujeito apóia-se na coletividade para responder aos seus anseios e necessidades, uma vez que o jogo do futebol necessita de outros (parceiros e adversários) para ser desenvolvido na prática. Para Simmel (1977), “o indivíduo não é nunca um mero ser coletivo, do mesmo modo que não é nunca um mero ser individual” (p.751).

Esta constituição da coletividade é a fronteira que determina as ações do sujeito, o que ele quer e o que ele pode fazer. É um tipo de código social que mapeia implicitamente as ações de cada sujeito perante o grupo. Para estar ali, submete-se às exigências de convivência.

Este contrato, estabelecido de forma tácita, é aceito e respeitado, mesmo que intersubjetivamente, pois dele depende a harmonia dos encontros, dos jogos. Ignorá-lo seria permitir a destruição do jogo. É por ele que se estabelecem direitos e deveres, o que se pode fazer e o que não é permitido. Os indivíduos que não admitem tal contrato provocam discórdia, desarmonia, e podem ser suspensos do convívio grupal.

Tal contrato é estabelecido sobre o controle de participação, sobre a permanência no grupo e, com grande incidência, sobre a regra do jogo. Quanto ao controle de participação e permanência no grupo, são estabelecidas normas de convivência e comprometimento com a coletividade. Quanto às regras do jogo, são elas

que têm a função de coordenar as reações adversas, assegurando a coerência do jogo, eliminando os efeitos perversos. São elas que normatizam o controle.

Os legalizadores do contrato, os líderes, apóiam-se na força coletiva para aferir suas ações, quando necessário. Funcionam utilizando-se de sua autoridade para fazer cumprir a determinação do estabelecido.

A liderança apresentada em cada grupo pode ocorrer por força de imposição, ou ser relacionada à respeitabilidade do indivíduo perante o grupo. Para cada grupo a liderança é ressaltada de uma forma, dependendo da sua organização interna. Para o grupo fechado a liderança é admitida, cultivada, e seus componentes demonstram sua necessidade, salientando a importância do líder. Nos grupos semifechado e semi-aberto a liderança é colocada com menor ênfase nos discursos dos informantes, que, no entanto, admitem também sua utilidade. Nestes grupos percebi que a liderança é compartilhada de forma mais harmoniosa que no grupo fechado.

O Parque amplia a fronteira de convívio do sujeito, favorecendo as interações coletivas fora do seio familiar. Ali o indivíduo realiza suas práticas físicas e/ou de lazer instituindo novos códigos de convivência. A prática do futebol conduz à liberação de novos valores individuais de afetividade e intencionalidade, que surgem como motores propulsores para sua ida e permanência no Parque.

A apropriação do espaço, para os grupos investigados, apresenta critérios distintos. Para o grupo fechado o local é sempre fixo, como uma espécie de clube social. No horário dos jogos o grupo sempre se apropria dele, não permitindo a invasão de estranhos, exceto se forem adversários em jogos previamente combinados. Para o grupo semifechado o local de desenvolvimento prático não é fixo; apesar de terem uma preferência, buscam outro local em função do número diário de participantes,

permitindo com isso uma flexibilidade na dimensão do espaço. Caso o local preferido de prática já esteja ocupado, naturalmente buscam outro lugar. Não se percebeu confronto por disputa de lugar. Para o grupo semi-aberto ocorre a mesma situação do grupo semifechado, ou seja, embora tenham uma preferência, os integrantes flutuam por diferentes espaços do Parque.

A dimensão social do futebol lazer em jogos no Aterro provém do atendimento ao gosto de cada um pelo esporte, à necessidade de sentir-se livre, à sua capacidade relacional: aproximando as pessoas da sociabilidade, da oportunidade de convivência. Mas o que promove esse encontro, o que funda o contrato lúdico, é a transgressão da vida comum. É o direito de, mesmo que por um pequeno espaço de tempo, ser responsável por suas atitudes, acreditando não ter que justificar seus atos a ninguém, embora esteja voluntariamente preso ao contrato do jogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. (1992). Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva.
- BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.
- BAUDRILLARD, J. (1992). Da sedução. Campinas: Papirus.
- BOURDIEU, P. (1983). Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BOUDON, R. (1979). La logique du social - Introduction à l'analyse sociologique. Paris: Hachette.
- BRENNAN, G. R. D & ARESTIZABAL, L (s.d.). Rio natureza. Documentação bibliográfica n. 10509-01/01/81 Rio de Janeiro: Fundação Rio.
- CADERNO RIO. (1992). Área de lazer. Rio de Janeiro: Arquivo geral do Rio de Janeiro: Iplan.
- CALLOIS, R. (1990). Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia.
- CHIZOTTI, A (1991). Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTO (1977). Regra de futebol. Guia universal para árbitros. Rio de Janeiro: CBF.
- COSTA, V. L de M. & TUBINO, M. J. G. (1995). Práticas populares de esportes na praia: estudos dos jogos de frescobol. In: VOTRE, S. J & COSTA, V. L. M. (Org.) Cultura, atividade corporal & esporte. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho. p. 31-44
- COULON, A. (1995). Etnometodologia. Rio de Janeiro: Vozes.
- DaMATTA, R. (1989). Esporte na sociedade: futebol como drama nacional. In: COLLEMAN, et al.. Sociologia da religião. Petrópolis: Vozes. p.62-74
- _____. (1994). Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro In: Dossiê Futebol - São Paulo: Revista USP.
- _____. (1995). Brasil: futebol tetracampeão do Mundo. Revista do Núcleo de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Pesquisa de campo n.1
- DAÓLIO, J. (1992). A violência no futebol brasileiro. Revista Brasileira de Ciências do Movimento. nº 1- Campinas.
- _____. (1997). Cultura - educação física e futebol. Campinas: Editora da Unicamp.
- DEFRANCE, J. (1995). Sociologie du sport. Paris: Éditions la Découverte.
- DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. (1987). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/MEC - Fundação de Assistência ao Estudante.
- DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX. (1996). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- DUMAZEDIER, J. (1976). Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva.

- _____. (1994). A revolução do tempo livre. São Paulo: Studio Nobel. SESC.
- ELIAS, N. (1970). Introdução à sociologia. São Paulo: Edições 70.
- ELIAS, N. & DANNING, E. (1992). A busca da excitação. Lisboa: Disfel.
- FOUCAULT, M. (1989). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal.
- FRANCESCHI NETO, M. (1993). Lazer: opção pessoal. Brasília: Editora de Universidade de Brasília.
- _____. (1997). Proposta para o lazer esportivo na sociedade atual. Revista Artus. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. v.13, n. 1, p. 278.
- GORDON Jr, C. C. (1995). História dos negros no futebol brasileiro. Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro. n.2
- HEINEMANN, K. (1989). Esporte e sociedade: as questões maiores. In: COLLEMAN, J. A. et al.. Sociologia da religião. Petrópolis: Vozes. p.13-24.
- HUIZINGA. J. (1996). Homo ludens. São Paulo: Perspectiva.
- JODELET, D. (1995). Les représentations sociales. Paris: Presses Universitaires de France.
- JOVCHELOVITCH, S. (1995).. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.& JOVCHELOVITCH, S (Org.) Textos em representações sociais. Petrópolis: Vozes. p.63-65.
- LEON, M. A. B. & TORRARO, C. V. (1995). Historia de la educación física e el deport - estudio preliminar. Barcelona: ULPPG e PPU.
- LEVER. J. (1983). A loucura do futebol. Rio de Janeiro: Record.
- LOVISOLO, H. (1995). Normas, utilidade e gosto na aprendizagem. In: VOTRE, S. J & COSTA, V. L. M. Cultura, atividade corporal & esporte. Rio de Janeiro: Editora Universidade Gama Filho. p.213-231.
- _____. (1996). Esporte, símbolo e linguagens. Rio de Janeiro: UGF (*mimeo*).
- LÜDKE, L M. & ANDRÉ, M. E. D. A. (1986). Pesquisa em educação: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU.
- MAZZADRI, F. M. (1996). A estruturação do esporte como elemento formativo da sociedade. In: Coletânea. 3º Congresso Latino Americano Esporte, Educação e Saúde no movimento humano. Foz do Iguaçu. 30 de junho a 05 de julho 722p
- MEIHY, J. C. S. & WITTER. J. S. (Org.). (1982). Futebol e cultura - Coletânea de estudos. São Paulo: IMESP/DAESP.
- MOSCOVICI, S. (1978). A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1995). Reflexions à propos de representations sportives. In: BAILLET, F. & BROHM, J-M. Quel corps - critique de la modernité sportive. Paris: Les Editions de la Passion.

- NEVES, L. F. B. (1979). O paradoxo do coringa - e o jogo do poder & saber. Rio de Janeiro: Achiamé.
- PAIM, A. (1984). A ética social - Modelo ético - Apostila do curso ao estudo da Moral IV. Rio de Janeiro (*mimeo*).
- PARLEBAS, P. (1981). Contribution a un lexique commenté en science de l'action motrice. Paris: I.N.S.E.P.
- _____. (1988). Elementos de sociología del deporte. Málaga (Spain): Universidad Internacional Desportiva de Andalucía.
- PIAGET, J. (1978). A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar.
- ROSENFELD, A. (1993). Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- ROUSSEAU, J.-J. (1963). Contrato social. 7.Ed. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S. A.
- SALLES, J. G.do C; COSTA, M. M; & SILVA, M. C. P. (1996). A mulher e o futebol - significados históricos. In: VOTRE, S. J. A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho.
- SALLES, J. G. do C. & COSTA, V. L. De M. (1997). As representações do contrato lúdico em prática de futebol/lazer em espaços públicos: Revista Artus: Rio de Janeiro V.13, n. 1, p. 278.
- SALLES, J. G. do C.; SILVA, M. C. de P.; COSTA, M. de M. & COSTA, V. L. de M. (1997). Futebol de Praia: representações simbólicas do espaço lúdico. Revista Mineira de Educação Física. Universidade Federal Viçosa, v.V, n.1, p.17-27.
- SHIRTS, M. G. (1982). Literatura futebolística: uma periodização. In: MEIHY, J. C. S. & WITTER, J. S (org). Futebol e cultura. Coletânea de estudos. São Paulo: IMESP/DAESP.
- SILVA, M. C. P. COSTA, M. M. & SALLES, J. G.do C. (1997). A imprensa brasileira e o futebol feminino. Discurso produzido e (re)produzido. In: Coletânea do IX ENAREL. Belo Horizonte: UFMG/CEF/CELAR. p.472-481.
- SIMMEL, G. (1977). Sociologia 1 e 2. Madrid: Alianza Universidad.
- _____. (1983). Sociologia. São Paulo: Ática.
- SOARES, A. J. G. (1990). Malandragem no gramado: O declínio de uma identidade. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UGF.
- VERÓN, E. (1980). A produção do sentido. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- VOTRE, S. J & COSTA, V. L. M. (1995). Cultura, atividade corporal & esporte. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho.
- VOTRE, S. J. (1996). A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho.
- WEBER, M. (1987). Coleção os pensadores. Rio de Janeiro: Ática.

WITTER, J. S. (1990). O que é futebol. São Paulo: Brasiliense.

_____. (1982). A várzea não morreu. In: MEIHY, J. C. S. & WITTER, J. S. (orgs.)
Futebol e cultura - Coletânea de estudos. São Paulo: IMESP/DAESP.

Anexo 1

Perfil dos Entrevistados

Infor.(*1)	Grupo de Origem	Idade	Estado Civil	Moradia/Local	Grau de Instrução	Profissão/Ocupação
A	Semi-abert	26	Casado	Botafogo	1º ano 2º grau	Auxiliar de contab.
B	Semifech.	24	Solteiro	Flamengo	Universit.	Proces. De Dados
C	Fechado	53	Casado	Catete	Superior	Eng. Elet./Prof.
D	Fechado (*2)	25	Casado	Catete	2º grau	Manut. De Comput.
E	Fechado	32	Solteiro	Catete	2º grau (Téc. Cont)	Func. Público
F	Semifech. (*2)	21	Solteiro	Catete	2º grau	Estudante
G	Fechado	48	casado	Largo do Machado	2º grau	Militar
H	Fechado (*2)	32	Solteiro	Botafogo	Superior	Bancário
I	Semi-abert.	29	Solteiro	Quintino	8ª série	Mecânico
J	Semifech. (*2)	19	Solteiro	Catete	2º ano 2º grau	Estudante
K	Semi-abert.	33	Casado	Lapa	8ª série	Flanelinha
L	Semi-abert.	28	Casado	Meier	6ª série	Faxineiro
M	Semi-abert. (*2)	33	Casado	Tijuca	2º grau	Balconista de farmácia
N	Semifech	18	Solteiro	Glória	2º ano 2º grau	Estudante
O	Semifech.	24	Casado	Catete	1º grau	Aux. de Escritório

(*1) - Na análise do estudo, utilizarei a letra como referência para identificação do entrevistado.

(*2) - Declararam participar também do jogo em grupos com característica do grupo semi-aberto.